



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA ISABEL GOMES DOS SANTOS BATISTA DE SOUSA

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

**PICOS – PI
2016**

MARIA ISABEL GOMES DOS SANTOS BATISTA DE SOUSA

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof^o. Ms. Mairton Celestino da Silva.

**PICOS - PI
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S725m Sousa, Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de

Memória e trajetória da comunidade quilombola
Custaneira / Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de
Sousa. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (86f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Mairton Celestino da Silva.

1. Comunidade Quilombola. 2. Comunidade Quilombola
Custaneira. 3. Identidade Religiosa. Título

CDD 981.22

MARIA ISABEL GOMES DOS SANTOS BATISTA DE SOUSA

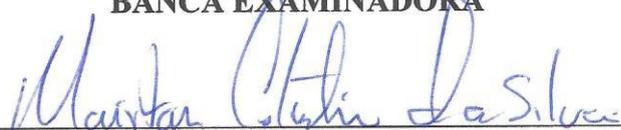
MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito parcial para obtenção do de Licenciada em História.

Orientador: Profº. Ms. Mairton Celestino da Silva.

Aprovada em 04/ 03/ 2016.

BANCA EXAMINADORA



Profº. Ms. Mairton Celestino da Silva

(Orientador)



Profº. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro

(Examinador Interno)



Profº. Ms. Paulo Fernando Mafra de Souza Júnior

(Examinador Interno)



Profº. Ms. Adauto Neto Fonseca Duque

(Examinador Externo)

A todos aqueles que sempre me incentivaram e acreditaram em meu potencial.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial preciso agradecer a todos que contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar que esse sonho se tornasse realidade e que durante todos os momentos da presente jornada me deu forças para poder superar todos os obstáculos.

De modo especial, agradeço ao meu pai José de Anchieta Batista de Sousa, a minha mãe Eva Gomes dos Santos e minha irmã Maricélia Gomes dos Santos, pelo apoio e pela motivação durante o percurso dessa jornada acadêmica.

Agradeço a todos os professores de História que estiveram presentes durante o decorrer da vida acadêmica, contribuindo direta e indiretamente para ampliar meu conhecimento, como também, oportunizaram um crescimento significativo na minha aprendizagem.

Agradeço também a Verônica, pela disponibilidade das entrevistas, das fotografias e dos vídeos, contribuindo de uma forma singular para a idealização da pesquisa.

Aos colegas de turma, pelas experiências partilhadas.

Agradeço ao meu orientador, Mairton Celestino da Silva, pelo apoio e paciência, contribuindo significativamente para a elaboração do trabalho. Agradeço por partilhar juntamente comigo das suas experiências e de seus conhecimentos. Obrigado por ter dividido seu tempo, ajudando-me a melhorar cada vez mais. Deixo meu eterno agradecimento.

Especialmente, agradeço a todos os moradores da Comunidade Quilombola Custaneira, Paquetá – Piauí, por confiar as suas memórias a mim e pela disponibilidade. Em especial, agradeço ao Arnaldo (Naldinho) e Dona Rita. Obrigado a todos pela recepção e pela experiência adquirida.

Agradeço também àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho monográfico.

Aquele que é feito escravo por uma força maior do que a sua, ama a liberdade e é capaz de morrer por ela, nunca chegou a ser escravo. (ZUMBI DOS PALMARES).

RESUMO

O presente estudo propõe analisar o processo da formação histórica da comunidade quilombola Custaneira, buscando, a partir das memórias dos seus habitantes, histórias sobre a escravidão e as múltiplas formas de resistência negra. A idealização da pesquisa tem como princípio a fundamentação de fontes orais, pois se caracteriza como uma forma de enriquecer a construção histórica da identidade quilombola. Diante das entrevistas percebemos os relatos singulares da religiosidade e o cenário encantador das manifestações culturais. Utilizou-se de pesquisas bibliográficas, abordando os traços em torno da discussão da formação histórica dos quilombos e a intencionalidade da contribuição negra à constituição daquela sociedade. A pesquisa tem como princípio compreender as narrativas históricas em torno da trajetória e da memória da comunidade quilombola Custaneira.

Palavras-chave: Comunidade quilombola Custaneira. Memória. Identidade. Religiosidade. Manifestações culturais.

ABSTRACT

This study aims to analyze the process of historical formation of quilombo Custaneira, seeking from the memories of its inhabitants, stories about slavery and the many forms of black resistance. The idealization of research is beginning the grounds of oral sources, it is characterized as a way to enrich the historical construction of quilombo identity. On the interviews we realize the unique reports of religiosity and the charming setting of cultural events. We used literature searches, covering the traces around the discussion of the historical formation of quilombos and the intentionality of the black contribution to the constitution of that society. The research is beginning to understand the historical narratives about the history and memory of the maroon community Custaneira.

Keywords: Community maroon Custaneira. Memory. Identity. Religiosity. Cultural events.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01: Entrada da comunidade quilombola Custaneira.....	22
Imagem 02: Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Comunidade quilombola Custaneira...	32
Imagem 03: Procissão da Sexta-feira Santa.....	35
Imagem 04: Chegada da procissão na Igreja.....	35
Imagem 05: Roda de lezeira – comunidade Quilombola Custaneira.....	36
Imagem 06: Boneco representando Judas e brincantes.....	37
Imagem 07: Cercado com pertences do Judá e vigias.....	38
Imagem 08: Salão de Umbanda – Comunidade Canabrava localizada próximo à comunidade quilombola Custaneira.....	41
Imagem 08: Salão de Umbanda (Comunidade Canabrava): pessoas em estado de possessão.....	41
Imagem 09: Os três domínios do mundo espiritual.....	42
Imagem 10: São Gonçalo em altar doméstico.....	52
Imagem 11: Reisado – Homens vestidos de caretas.....	54
Imagem 12: Roda de Lezeira.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O ASPECTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA.....	16
1.1 Formação da Comunidade Custaneira.....	18
1.2 O espaço da comunidade.....	22
1.3 O espaço sociocultural.....	24
1.4 O território: uma história de direito e de luta.....	24
CAPÍTULO II – A RELIGIOSIDADE DA COMUNIDADE CUSTANEIRA.....	30
2.1 A festividade do Sagrado Coração de Jesus.....	32
2.2 A comemoração do dia de São Lázaro.....	33
2.3 A celebração da Semana Santa.....	34
2.4 Umbanda.....	38
2.5 O canto para seus mortos.....	44
CAPÍTULO III – AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA.....	49
3.1. A dança de São Gonçalo.....	50
3.2 Reisado: A Folia dos Reis.....	53
3.3 A roda de Lezeira.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

A pesquisa de cunho monográfico apresenta como propósito principal discutir sobre o processo da formação histórica da comunidade quilombola Custaneira, em Paquetá, a partir dos relatos orais dos seus moradores. Para isso, compreenderemos as histórias particulares dos descendentes de escravos e a trajetória do negro na sociedade brasileira, como também, despertar o sentido singular das memórias herdadas pelos seus antepassados. Segundo Boakari e Gomes (2005, p.09) “ler o nosso passado é desafiador”.

O interesse em desenvolver o presente trabalho sobre a trajetória e a história da comunidade quilombola Custaneira deu-se diante da pesquisa para elaboração do projeto, sendo que, quando foi solicitada uma temática para a produção monográfica a pesquisadora já tinha em mente o desejo de contar a história desse povo e florir o cenário da cultura popular com o encantamento singelo das suas memórias. Então, o contato inicial foi realizado diante de conversas e por meio de algumas leituras bibliográficas.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo da formação histórica da comunidade quilombola Custaneira, suas memórias particulares, manifestações culturais, a religiosidade, a trajetória de luta e resistência. Tendo como meta analisar os aspectos sociais e culturais desses sujeitos históricos. Para compreender o que são remanescentes de quilombos, a Fundação Cultural Palmares, conforme o art. 2 do decreto Federal nº 4887, de 20 de novembro de 2003, destaca:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a opressão histórica sofrida.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares, quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos¹. Esta definição nos remete pensar o quanto os quilombos constituem um espaço que reconstrói a história de milhares de homens e mulheres, um território que reproduz, através de geração a geração, o (re)contar de uma história que é símbolo da cultura brasileira.

O passado histórico dos quilombos reflete um valor inestimável para a construção do imaginário da resistência e o aspecto do regime escravocrata. Diante dessa abordagem é possível construir relevantes discussões sobre as formações dos quilombos, mas em especial da comunidade quilombola Custaneira.

¹ Ver definição em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=88

Em relação às fontes, o contato com as memórias dos moradores tornou-se de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que as entrevistas viabilizaram uma importante aliada durante o percurso do trabalho e enriqueceu a trajetória do trabalho monográfico. A história oral caracterizou-se como uma metodologia muito gratificante para a elaboração da pesquisa sobre a comunidade quilombola Custaneira, como também, proporcionou uma percepção singular das memórias dos moradores que conservam suas histórias, tradições e crenças. Como aponta Delgado (2006, pág. 16): “(...) a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico”.

É interessante discutir o vínculo relevante que há entre memória e história. Conforme aponta Le Goff (2003):

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, APUD MOREIRA, p.03).

A tradição oral, fruto de uma vivência própria dos moradores da comunidade Custaneira, que rememoram suas histórias e costumes, entrelaçam nas suas entrevistas um sentimento de amor, luta e resistência sobre os seus antepassados. Diante das entrevistas foi possível compreender os valores culturais e identitários desse grupo étnico. De acordo com Freitas (2006, pág. 81): “As entrevistas sempre jogam uma luz nova sobre aspectos inexplorados da vida cotidiana das classes não hegemônicas”.

Através dos relatos orais dos moradores notam-se as memórias que retratam sobre suas vidas cotidianas, seu modo de viver e a singularidade das suas crenças. Os moradores da comunidade Custaneira representam um valor inexplicável para a cultura popular, e mais do que isso, caracterizam-se como donos das suas próprias histórias e memórias, entrelaçando nos seus depoimentos traços de uma tradição própria do seu povo.

Dessa forma, a pesquisadora ao trabalhar com a história oral se depara com relevantes abordagens para uma evolução, tanto pessoal, quanto profissional, e mais do que isso, proporciona um inestimável campo de conhecimento, aprendizagem e amplia um novo olhar acerca do objeto de estudo, além de entrelaçar um elo interessante entre a história e a memória de um indivíduo.

Diante dos depoimentos realizados com os moradores da comunidade quilombola Custaneira percebe-se o quanto se sentem orgulho em contar a história do seu povo e que, com aquele jeito doce de ser, relatam sobre o processo de formação, suas manifestações

culturais, suas crenças, seus costumes e suas tradições, além de evidenciar o quanto é imensa sua alegria em lembrar sobre a trajetória histórica dos seus antepassados.

Ao relatar-se as entrevistas foi possível perceber o quanto a história oral representa um artifício enriquecedor para o desenvolvimento de um trabalho de campo, como também, se reconhece sujeitos antes esquecidos pela história. De acordo com Alessandro Portelli (1996):

Representações e fatos não existem em esferas isoladas. Representações se utilizam dos fatos e alegam ou não que são fatos. Os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral que é contabilizada como história dos fatos reconstruídos, mas também aprende em sua prática de trabalho de campo ideológico e na confrontação crítica com a alteridade dos moradores, a entender as representações.

Dessa maneira, a história oral, símbolo de uma marca registrada do trabalho monográfico, exerce uma fundamental representatividade para a construção das abordagens da história do negro e do aspecto cultural da tradição popular. Interessante é o quanto que os moradores possibilitam lembrar e descrever minuciosamente sobre as lembranças passadas.

A oralidade dos moradores é um procedimento metodológico que compreende uma construção de narrativas históricas, como também, uma singularidade de memórias coletivas compartilhadas e vividas pelos sujeitos. Durante os relatos nota-se uma singularidade indescritível de detalhes sobre o passado dos seus antepassados e ainda uma relação com as vivências presentes. A partir do momento que o indivíduo lembra uma experiência passada, ele reconstrói suas próprias histórias, como também, permite-se através da memória individual partilhar de lembranças esquecidas por outros sujeitos.

As narrativas históricas evidenciam um aspecto singular entre as lembranças coletivas e as lembranças individuais. Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* evidencia uma discussão em torno de ambos os conceitos de memórias. Conforme o autor:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem!²

² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 30.

Interessante é a perspectiva evidenciada por Pierre Nora no seu texto *Os lugares de memória*, na qual, objetiva uma abordagem significativa entre os pontos que aproximam a história da memória e outros que se diferenciam. Conforme conta:

(...) longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.³

Ao falar da formação histórica da comunidade, os entrevistados contam sobre sua própria história. Sobretudo, porque seus avós/avôs, bisavós/bisavôs, tataravós/tataravôs, pais/mães viveram neste local, permitindo reunir experiências compartilhadas entre todos e o vínculo de memórias coletivas, e mais do que isso, evidenciam um enredo particular das suas memórias. Segundo Silvia Helena Borelli, “a história contada é semelhante à história de vida”. Ou seja, os entrevistados, na plenitude dos fatos, expõem lembranças vividas e compartilhadas por outras pessoas.

Dessa forma, os moradores configuram-se como sujeitos históricos que expressam como fontes vivas e que as entrevistas representam como um documento histórico, como também, refletem um valor imensurável para um objeto de estudo e evidenciam valores significativos para o desenvolvimento de uma pesquisa.

O trabalho monográfico foi dividido em três capítulos. No primeiro, realiza-se uma breve discussão da historiografia brasileira em relação ao papel da mão-de-obra negra para o desenvolvimento econômico das fazendas rurais piauienses. Em seguida, evidencia-se a formação histórica da comunidade quilombola Custaneira, tratando-se do espaço da morada e

³ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos Lugares*. In: Projeto História, nº10, São Paulo, dezembro de 1993, p. 17.

do espaço sociocultural da comunidade. Analisa-se sobre o contexto histórico em torno da conquista e da titulação do território.

No segundo capítulo, aborda-se a religiosidade da comunidade Custaneira, enfatizando sobre as práticas simbólicas em torno dos benzimentos. Em seguida, evidencia-se as festividades populares como a comemoração do Sagrado Coração de Jesus, o dia de São Lázaro e a celebração da Semana Santa. Aqui, busca-se discutir o aspecto da religião umbanda, marca da matriz africana, sendo que os moradores participam dos cultos no salão da comunidade Canabrava (localidade próxima à comunidade Custaneira). Depois, analisa-se sobre os cantos fúnebres, uma tradição simbólica dos moradores, pondo em ênfase alguns versos dos cantos de excelências.

No terceiro capítulo, discorre-se sobre os bens culturais da comunidade. Analisa-se as práticas populares envolvendo as danças do São Gonçalo e a folia dos reis (reisado), uma mistura singular entre brincadeira e prática religiosa. Logo depois, falo sobre o lundu de lezeira, uma manifestação cultural que enobrece o cenário da cultura popular, e mais do que isso, é uma dança que entre os moradores caracteriza-se como um traço marcante da identidade da comunidade.

Nessa perspectiva, o estudo das fontes orais, unido com as fontes documentais (fotos e filmagens) proporcionou uma relevante e enriquecedora metodologia para o desenvolvimento do trabalho monográfico. Como também, a pesquisa de campo oportunizou um estudo detalhado do espaço da comunidade.

Portanto, o estudo sobre a comunidade quilombola Custaneira oportunizou uma aprendizagem singular sobre a história e a trajetória desse povo, como também, enriqueceu relevantemente o conhecimento, tanto pessoal, quanto profissional da pesquisadora. Enfim, espera-se, de alguma forma, haver contribuído para o estudo e a pesquisa sobre a cultura popular do negro.

CAPÍTULO I – O ASPECTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (PAULO FREIRE).

A história da comunidade Custaneira se evidencia a partir dos relatos recordados e descritos pelos seus moradores que guardam com delicadeza e sutileza a trajetória de seu povo. Estabelecendo laços familiares que são mantidos através do casamento entre primos, marcando significativamente na reafirmação da identidade entre os membros da comunidade quilombola. Conforme relata Arnaldo:

Os casamentos eram com pessoas tudo da mesma família. Agora não é diferente, ainda hoje você vê todo mundo é casado com primo, com parente, raramente sai um pra casar fora ou quando sai pra trabalhar em outra cidade e por lá arruma um casamento. Mas os que ficam por aqui é tudo casada é mesmo com os daqui. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

Segundo Schmitt (2002):

[...] parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior. [...] (SCHMIDT, et al, 2002, p. 4).

A trajetória histórica da formação da comunidade Custaneira emergiu da resistência e que a presença da escravidão se tornou como parte funcional para o desenvolvimento econômico das fazendas piauienses naquela região. É indiscutível o quanto que o sertão nordestino teve uma parcela significativa da presença de escravos negros em fazendas constituindo parte fundamental da mão-de-obra.

Inestimavelmente as formações de quilombos e os lugares que hoje são situadas às comunidades remanescentes de quilombos se encontram na Zona rural, sendo que ficavam por uma determinada distância de algumas fazendas, como é o caso da comunidade Custaneira. Interessante é que a comunidade fica na parte baixa do morro e a fazenda na parte alta.

Na produção pecuarista, preservou, por muito tempo na historiografia tradicional a noção de que o desenvolvimento sistemático das fazendas piauienses progrediu diante da mão-de-obra livre, negando a contribuição do escravo como fonte principal da expansão na criação de gados. Para afirmar essa alusão, Mott (1985), evidencia “o escravo negro sempre foi uma presença importante e indispensável nas fazendas de criatório, superior ao braço

indígena, quiçá mesmo ao braço livre”. Mott (2010, p. 116), ainda enfatiza que “parece que as condições e relações de trabalho, assim como as perspectivas de alforria eram muito melhores na zona da pecuária do que nos engenhos de açúcar”.

De acordo com Brandão (2014, p. 154), a corrente historiográfica justifica três pontos em torno da negação da participação do escravo nas fazendas do sertão nordestino. O primeiro diz respeito à renda pecuária, porque era considerada baixa e que os pecuaristas não poderiam arcar com a compra de escravos. Segundo argumento refere-se à forma extensiva da criação de gado inviabilizaria o controle sobre o contingente de escravos da fazenda. Terceiro argumento da historiografia tradicional era a existência ali de muitas tribos indígenas que forneciam a pouca mão de obra exigida na lida com o gado.

O historiador Solimar Oliveira Lima (2005, p.7) em *Braço Forte: Trabalho escravo nas Fazendas da Nação no Piauí – (1822 – 1871)* salienta que “[...] apenas a longa trajetória das fazendas públicas do Piauí teria impedido a negação despudorada da contribuição sistemática e proposta pela dificuldade do cativo de desempenhar-se nas práticas pastoris, empreendidas sem pejo pela historiografia tradicional sulina, apesar de enorme evidência documental apontar em sentido contrário. Por séculos, a criação animal nas fazendas do estado repousou totalmente nas costas dos afrodescendentes cativos”.

A presença escravista no Piauí se caracterizou como parte contribuinte para o desenvolvimento das atividades pecuaristas. Conforme Mott (1985, p.9) a província do Piauí “trata-se de uma região onde a unidade de conquista e povoamento foi a fazenda de gado, cristalizando-se toda a vida socioeconômica em derredor da pecuária extensiva, qualquer estudo sobre a história do Piauí deve iniciar-se a partir dos currais criatório”.

Entretanto, houve uma negação em torno do trabalho escravista, mas que a partir de novas análises historiográficas trazem a confirmação da presença do regime escravista no Piauí. De acordo com Brandão (2014, p.155), “dificilmente a sociedade colonial piauiense se desenvolveria fora do regime da escravidão, mesmo tendo a pecuária como base de sua economia”. Convém ainda destacar que a escravidão não houve apenas no desenvolvimento pecuarista mais que se expandiu em outras atividades para a formação econômica das fazendas piauienses.

Conforme Brandão (1999: 19), “embora a escravidão não tenha sido a única forma de trabalho compulsório adotado nas Américas, ela foi a mais importante dela”. A historiadora Tanya Brandão em *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII* evidencia que houve a presença de atividades exercidas pelo trabalho livre no regime

escravocrata, marcando o trabalho de passadouros, boiadeiros, tropeiros e as funções para o transporte de gado destinado pelos vaqueiros.

A partir das abordagens historiográficas, as comunidades negras rurais encontradas no Piauí confirmam a trajetória histórica do regime escravista e que através dos seus relatos reafirmam sua identidade marcada na cultura brasileira. Conforme Boakari e Gomes:

A existência de comunidades rurais, isoladas e de difícil acesso, cujas populações são predominantes negras, podem ser provas de que, no Piauí, o negro também foi coisificado e torturado, que se rebelou e foi para as matas. Nas matas, esses ex-escravos, como em outras regiões, formaram comunidades de tamanhos diferentes, como manifestação concreta de sua resistência como seres humanos em luta pela liberdade (Boakari; Gomes, 2005, p.16).

Diante do papel relevante do sujeito histórico e das memórias coletivas, reconstruir-se-á e (re) significar-se-á a trajetória histórica da Comunidade Custaneira. O contexto histórico da formação dos quilombos constitui uma perspectiva de (re)conhecer o processo de transformação da cultura e da etnia de uma sociedade, a partir dos seus antecedentes históricos, por outro lado, transmitir a construção da identidade negra no Brasil.

1.1 Formação da Comunidade Custaneira

A formação da comunidade quilombola Custaneira se introduz no contexto histórico da escravidão presente nas fazendas piauienses, como também, se caracteriza como um espaço de resistência, sobrevivência e fundamenta-se como um símbolo maior da história a partir do processo das relações sociais.

A memória entrelaça um poder para a construção dos fatos, o que faz trazer o recontar da história da comunidade Custaneira, que diante de sua trajetória os remanescentes rememoram, através da memória coletiva, uma marca da construção histórica da escravidão e da resistência no Piauí.

O passado histórico da comunidade quilombola Custaneira marca a presença da escravidão e que não é de se referenciar que todo ao redor da região havia a existência de fazendas. Conforme Brandão (1999, p.143): “como nas demais regiões do Brasil Colônia, no Piauí também vigorou um modo de produção escravista, que significou um sistema de produção social tendo por base o trabalho escravo”.

A expansão das fazendas se deu pelo interesse no desenvolvimento econômico no espaço pecuarista, como também, o aspecto da exploração nos canaviais, caracterizando uma particularidade da fazenda Buritizinho. Nota-se a partir do relato do morador Arnaldo:

Essa comunidade, ela é localizada em volta a várias fazendas que teve na região, pelo século XIX, na exploração dos canaviais e nessas fazendas tinha várias senzalas. Aqui teve a fazenda do Buritizinho, que é dentro dessa comunidade, a de Canabrava e a do Araputã, que era do povo de Raquel. [...] (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A partir da expansão econômica na zona pecuarista, os fazendeiros recorreram à escravidão, portanto, não é de se negar que o trabalho escravo se torna algo essencial para aquelas fazendas que se desenvolvia no meio do sertão. “O movimento do grande bando de gado somente poderia ter sido facilitado pelo uso de trabalho escravo.” (Boakari e Gomes, 2005, p. 15). Em decorrência disso, o interesse pelo braço escravo aumentou gradativamente entre os fazendeiros ao redor dessa região, principalmente, porque toda a atividade era desenvolvida pelos escravos.

Ao adentrar o sertão brasileiro e todo o território interiorano da região nordestina percebe-se o quanto o clima e os aspectos funcionais dos lagos e rios propiciavam o desenvolver de uma atividade voltada para a criação de gado. A fazenda Buritizinho, que é a que fica dentro da comunidade, se tornou naquela época uma das maiores da região em relação ao desenvolvimento econômico da atividade pecuarista.

Conforme os relatos do morador Arnaldo a comunidade quilombola Custaneira iniciou-se a partir do século XIX, com uma população de quinze famílias que se agrupavam e se desenvolviam através da lavoura, sendo que inicialmente não possuíam o direito a terra, o que provocou a migração de alguns deles para outras propriedades, porque a terra era de domínio do Estado e, em se tratando de terras férteis, vários coronéis se apossaram.

A formação histórica da comunidade quilombola Custaneira constituiu-se com a chegada de alguns negros que haviam ganhado a liberdade, sendo que começaram a se organizar e a se refugiar. Assim destaca os relatos orais do morador Arnaldo de Lima, 39 anos:

[...] quando a Lei Aura deu condição aos negros que é veí, a Lei do Ventre Livre, várias outras leis que foram criadas, os negros começaram a ter uma vida solta, não de liberdade, e foi aqui que eles chegaram. [...]

A comunidade quilombola Custaneira se caracteriza como um espaço que enobrece todo o significado da formação histórica dos quilombos, marcando e valorizando toda a herança

cultural deixada pelos seus antepassados. Sendo que a designação Custaneira é porque o local onde se localiza tem muitas pedras e se constituía como uma terra fraca. Assim coloca o Arnaldo:

A nossa comunidade, ela trouxe o nome pela o local aonde ela foi acentuada é uma região de muita pedra, de muitos morros e os antigos da época considerava esses lugares onde tinha muitas pedrejais e morros chamava-se de Custaneira por conta das pedras. Era terra fraca e o nome recebia por conta do local e da área que era uma área de muita pedra e aí é a origem do nome Custaneira por conta da terra (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

E ainda mais, segundo a moradora Rita Maria da Conceição, 68 anos:

A comunidade trouxe esse nome porque o local aonde ela se encontra tem muitas pedras e rochedos. Aí custaria muito pra nois plantar. Aí nosso povo chamou de Custaneira.

Vale ressaltar que a solidariedade familiar entre os moradores é uma marca significativa desde o início da formação histórica da comunidade Custaneira, sendo que a partir dos relatos nota-se que compartilham suas vivências e que a organização do trabalho cotidiano depende, principalmente, da cooperação de todos. De acordo com Arnaldo:

Todos os costumes do início da formação da comunidade a gente tenta manter até hoje. Um dos principais é estar junto das famílias, discutir todas as ações juntos, isso foi que nos fortaleceu a ser uma comunidade organizada hoje. O costume de partilhar e contribuir um com o outro nós valorizamos e prevalecemos em nossa comunidade dentro do dia-a-dia, então a troca de experiência, da partilha, quando uma família está com mais necessidade do que outra seja qual for, espiritual ou material a gente partilha e isso vem fortalecendo a nossa comunidade (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A relação familiar é uma característica que reflete traços da solidariedade presente na comunidade. Conforme Flávio Gomes:

[...] movidos por relações de família e parentesco baseadas em procedências comuns, escravos libertos, camponeses e quilombolas podem ter constituído espaços de solidariedade (não obstante tensões e conflitos) a despeito das diferenças de status. Com o controle social sobre as comunidades de senzalas (constituídas por livres, libertos ou escravos), havia – de modo geral – reduzido o espaço de mobilidade social, não obstante as hierarquias entre homens, mulheres, cativos, libertos, crioulos e africanos, suas ocupações e parentesco. Embora houvesse níveis de relações e solidariedades (sociais, culturais e econômicas), setores camponeses negros devem ter mantido a própria identidade. (GOMES, Flávio dos Santos, 2006, p. 57).

Além disso, os moradores possuem uma faixa etária atualmente entre o mais novo um mês de vida e o mais velho noventa e sete anos. Em relação à educação, os moradores têm um

grande interesse para que os seus filhos possa estudar e que alcancem objetivos positivos no âmbito escolar. A população mais jovem tem uma educação escolar formal, entretanto, os mais velhos são analfabetos. Conforme Arnaldo:

A comunidade no sentido da educação foi uma comunidade que teve pessoas preocupadas com o aprender. A gente sempre busca fora. Os jovens e crianças daqui estudam em Santa Cruz porque a gente acredita na educação boa e a gente quer o melhor pros nossos filhos e pros nossos jovens. Sobre a educação está tranquilo, a comunidade tem sim dificuldade, a dificuldade é que algumas crianças precisam sim ir de moto, mais antigamente era bem mais difícil tinha que ir a pé (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

O momento de lazer é muito significativo entre os moradores, porque representa uma ocasião em que os mais jovens praticam das suas manifestações culturais, e mais do que isso, faz com que se sintam orgulhosos da sua cultura e começam a valorizar. De acordo Arnaldo:

O lazer da comunidade são os momentos celebrativos, tudo o que acontece aqui já gera uma festa, é uma comunidade que sempre celebra a vida e os jovens se sentem felizes, participam de atividades fora da comunidade, também porque a comunidade é chamada para várias outras comunidades, pra outros municípios e até outros Estados, a gente já tem ido e isso faz com que os jovens se sintam valorizados e se sintam felizes em praticar a sua cultura [...] (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

E ainda mais segundo Rita:

Nois tem essa preocupação para que os mais jovens participem das manifestações culturais pra que eles possam valorizar sua história e seus costumes (RITA MARIA DA CONCEIÇÃO, moradora, 68).

A relação dos moradores com os avanços tecnológicos não prejudicou em momento algum o seguimento dos costumes e das tradições da comunidade quilombola Custaneira. Conforme conta o morador Arnaldo de Lima, 39 anos:

A comunidade se preocupava no primeiro momento quando foi pra energia chegar, mais depois essa preocupação da comunidade foi superada, não atrapalha em nada, seja qual for o ato que for acontecer. Na sexta-feira da paixão a gente não usa som, a gente não usa bebida, a gente vem mantendo. Eu acredito que o desenvolvimento da tecnologia hoje não atrapalha a comunidade nem sua cultura que vem mantendo até hoje.

Conhecer a história afro-brasileira⁴ e o valor cultural que há por traz das memórias dos seus descendentes é, em seu sentido maior, a construção de heranças culturais, propondo a partir das práticas culturais uma compreensão da cultura popular existente e além do que,

⁴ Afro-brasileira é a junção de manifestações culturais brasileiras que sofreram influência da cultura africana.

entender os aspectos de uma identidade que revela como a memória coletiva uma unidade cultural que se configura diante do seu agente social.

1.2 O espaço da comunidade

A comunidade quilombola Custaneira é um lugar que cativa moradores e visitantes com sua natureza exuberante, enobrecendo a vida daqueles que vivem naquele pequeno povoado, atualmente com 130 moradores. Além disso, a mesma é símbolo da identidade cultural marcada pelas suas manifestações tradicionais e religiosas, na qual chama a atenção de muitos visitantes para as suas festividades culturais, significando cada vez mais na formação histórica dos quilombos.



*Imagem 01: Entrada da comunidade quilombola Custaneira.
Foto: Mairton Celestino (2015).*

Na comunidade Custaneira mesmo após anos a casa grande continua sendo, de certa forma, preservada, guardando o valor material que possui para a construção histórica da escravidão brasileira, além disso, engloba um local que guarda uma lembrança sobre a escravidão vivenciada ao redor daquela região. Sobretudo, a casa grande até hoje representa um lugar que em sua plenitude construiu traços e marcas na própria história dos remanescentes de quilombos.

Além disso, ao percorrer o espaço da morada percebe-se uma junção de casas de pau a pique, outras cercadas através de cercas de madeira, um salão aberto coberto por palha, um

reservatório de água e há a criação de animais de pequeno porte, como cabra, ovelha, porco e galinha. O membro Arnaldo de Lima ainda destaca que até hoje se cultiva, sendo que os moradores da comunidade se limitam na produção de arroz, feijão e milho. Como também, trabalham com a extração da palha de carnaúba, predominando uma atividade presente nessa região.

A comunidade Custaneira está localizada na Zona Rural que fica próximo ao município de Paquetá, cidade esta que fica cerca de 25 km da cidade de Picos. Os habitantes são essencialmente agricultores. Além disso, a comunidade é reconhecida e titulada pela Fundação Palmares (FCP), sendo que a partir da identificação como remanescentes de quilombos, as comunidades negras reconhecem o valor histórico do patrimônio cultural herdado e (re)constroem o espaço da sua própria história.

A Fundação Palmares (FCP) denominou a comunidade Custaneira como remanescentes de quilombo em 2009, o que significa uma valorização dos aspectos étnicos, históricos e tradicionais. Conforme o art. 2º do decreto federal nº 4887, de 20 de novembro de 2003, considera-se remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, sendo os critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Para melhor entender o significado histórico sobre a identificação como remanescentes de quilombos, Véran (1999, p. 298) aborda que:

Com justa razão, foi-se instituído sobre o fato de que o reconhecimento do caráter remanescente de uma comunidade não poderia só basear-se sobre o conhecimento explícito de um passado de quilombo, tal como ele é definido por atores externos. Deve ser considerada, também a existência de formas e de símbolos mais difusos de articulação com este passado, tais como a consciência de uma origem comum, o sentimento de pertencer a um território, o mito das origens, ou a existência de um grupo étnico.

Os moradores da comunidade Custaneira partilham de vivências tradicionais e que na vida cotidiana fortalecem suas raízes culturais, mantendo traços de uma identidade marcada de experiências vividas. Na organização do trabalho percebe-se uma união singular, preservando a amizade e a solidariedade, a tal ponto que toda a atividade desenvolvida nas roças é permeada pela colaboração do grupo familiar.

Um fator importante diz respeito à responsabilidade dos homens no grupo familiar, desempenhando um papel vital para o lar e que possuem como deveres, tanto para os pagamentos de contas como de água e luz, quanto para gastos pessoais. Conforme Boakari e

Gomes (2005, p.49) “Esta nova responsabilidade dos anciões nas comunidades só vem a consolidar as suas atribuições históricas”.

Nota-se uma perfeita ligação entre os mais velhos com mais jovens no que diz respeito à transmissão das tradições e das experiências históricas. Conforme conta dona Rita, “*quase toda noite nós junta os mais velhos e os mais novos, aí nós conta sobre nossa história, nós fala da trajetória do nosso povo*”. Além disso, percebemos o quanto que os moradores da comunidade quilombola Custaneira mantêm uma permanente relação com seu território e que cotidianamente lutam para valorizar sua cultura e defendem arduamente seus direitos.

1.3 O espaço sociocultural

A comunidade quilombola Custaneira é constituída por 20 casas distribuídas entre 130 moradores. Todas as casas possuem iluminação, água encanada e no interior das casas existem banheiros. A mesma dispõe de um espaço religioso, o qual é formado por uma Capela dos Reis Magos, Capela de Padre Cícero, Capela de Nossa Senhora das Graças e a Igrejinha do Coração de Jesus, e ainda, um terreiro de Umbanda.

Na comunidade há uma casa de cultura que se constitui em um espaço significativo entre os remanescentes de quilombos. O propósito de criação de uma casa da cultura partiu da necessidade de informar os jovens sobre as tradições e manter forte os laços da cultura da comunidade Custaneira, assim afirma o representante Arnaldo de Lima, 39 anos:

Olha a ideia era fortalecer a cultura existente e o Ministério da Cultura lançou um projeto para pontos de cultura e a gente se inscreveu contando o que tinha, o que fazia e o que desejava ter e dentro desse projeto a gente foi aprovado a proposta da comunidade foi aprovada e o objetivo era conscientizar os jovens para manter a cultura e a tradição do seu povo.

Diante do desejo de se construir uma casa da cultura a comunidade ganhou uma forma de manter viva sua tradição e fortalecer ainda mais os laços das manifestações culturais. A comunidade quilombola Custaneira representa um espaço histórico significativo para a construção da cultura popular, sendo uma localidade que narra, através de relatos orais, a identificação da história negra brasileira.

1.4 O território: uma história de direito e de luta

A dimensão do território dos quilombos representa um lugar onde toda a história da resistência se constituiu, sendo mais do que um pedaço de terra, identifica-se como o espaço da sua própria história. O reconhecimento e a titulação do território transparece uma valorização da identidade negra, sendo que a “terra de preto” assim identificada constitui uma memória viva no processo da construção histórica da origem das comunidades quilombolas.

Os remanescentes da comunidade quilombola Custaneira, enquanto não conseguiram a conquista do território, tiveram que se submeter a realizar vários trabalhos que não lhe concebiam nenhuma forma de gratificação, sendo que os proprietários do terreno julgavam necessário que todos que estivessem vivendo naquele pedaço de chão teriam que realizar serviços de mão de obra em virtude de estarem ocupando e utilizando as terras.

De acordo com os relatos da moradora Rita Maria da Conceição, antes da posse do terreno, os moradores da comunidade Custaneira eram sujeitos a quaisquer tipos de serviço que lhes fossem propostos.

Quando me chamavam, eu deveria ir, mesmo que estivesse com panela no fogo, poderia deixar queimar. Caso não fosse seria corrida da morada.⁵

Através dos relatos orais nota-se que os donos do terreno cobravam pela ocupação das terras através dos trabalhos sem remuneração, sendo indiscutível colocar em destaque que continuavam usando da sua mão de obra e voltando, de certo modo, a escravizar. Mas os remanescentes de quilombos valorizam e lutam pelo seu território, buscando conquistar o terreno e ressignificar a trajetória da sua formação histórica.

A conquista do terreno aconteceu através da compra das terras como conta o representante Arnaldo de Lima, 39 anos:

[...] A gente negociou a terra pelo preço justo, pelo valor que era considerado já da nossa história é daqui e a gente conseguiu, só que a negação que eles ainda não aceitam é a história de quilombola porque o povo que eram os condonos da terra, os bisavós deles tiveram senzalas e quando fala da história de quilombola nós começa a contar a forma que nossos antepassados eram escravizados por eles ai eles negam e que avós e bisavós deles escravizavam os negros, mas sobre a terra não teve briga.

Através das palavras do morador Arnaldo de Lima e diante de todo o desenvolver da pesquisa histórica notou-se que a conquista do território quilombola tem uma relação de direito e de luta, aquele direito a sua terra e a sua história, além disso, o lado da luta pela titulação das comunidades negras, um direito de reconhecer e valorizar sua propriedade como

⁵ RITA MARIA DA CONCEIÇÃO. **Entrevista concedida a Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí – PI, 09/08/2015.

um espaço da identificação da história cultural que faz parte do patrimônio histórico do Brasil.

Conforme Flávio Gomes (1994, p.23):

[...] as estratégias dos quilombolas e dos escravos, nas últimas décadas da escravidão, podiam estar cada vez mais integradas ao objetivo comum de buscarem autonomia e acesso à terra. Enfim, tanto as comunidades de fugitivos como as comunidades das senzalas podiam, em determinadas regiões e circunstâncias, forjar comunidades camponesas integradas à economia local.

Diante do relato do morador a conquista do território aconteceu de forma passiva, sendo que os donos das terras não foram contra a compra do terreno, mas do que isso, os moradores da comunidade quilombola conseguiram a posse do território por um preço justo. A aquisição do território deu-se através da realização de duas compras, conforme conta Arnaldo:

Nós compramos uma área de terra, que essa área não delimita o território quilombola todo, porque no processo da territorialidade, ela tem uma extensão maior, essa área a gente comprou uma primeira parte em 1994, que foi 9.000 reais e compramos a outra parte em 2010, que foi no valor de 90.000 reais pelo Caf. Essa primeira compra em 1994 foi uma compra particular e essa segunda compra de 2010 que foi pelo Caf, ela foi uma compra comunitária, de um grupo de família que estava comprando essa área. A compra da área de terra foi paga a proprietária Maria Gonçalves de Moura (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A efetivação da compra, tanto da primeira parte quanto da segunda parte do território, teve como fundamento a união da população para que pudesse conquistar sua terra. Assim conta Arnaldo:

Nós era vaqueiro dos filhos dos donos dessa terra. A gente trabalhou com objetivo, pelo amor da terra e foi juntando, quando a terra surge para ser vendida o destino nos assegurava que a nossa história tava nela, aí a gente vai e vende ali vários gados que a gente tinha. Nessa época a gente já tinha muito por ser vaqueiro, já tava com mais de oito anos sendo vaqueiro, aí a gente investiu, em Santa Cruz nós tinha duas casas, vendemos uma casa e vendeu outros gados. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A locação de terra que hereditariamente foi repassada para os descendentes de quilombos como sua propriedade, além da aquisição da propriedade, reproduz o direito de posse e de usufruir do território. Em suma, as comunidades de remanescentes de quilombos não podem ser definidas em termos biológicos e raciais, mas como criações sociais, que se assentam na posse e usufruto em comum de um dado território e na preservação e

reelaboração de um patrimônio cultural e de identidade própria. (OLIVEIRA, 1997, P.83-85, apud LINHARES) ⁶.

A territorialidade quilombola guarda uma memória coletiva culturalmente vivenciada no modo de vida, das práticas de resistência e o traço marcante da produção familiar através da terra. De acordo com Almeida (2006):

A territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e de ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias, porventura existentes (...) por seus desígnios peculiares, o acesso à terra para o exercício das atividades produtivas, se dá não apenas através das tradicionais estruturas intermediárias da família, dos grupos de parentes, do povoado ou da aldeia, mas também por um certo grau de coesão e solidariedade obtido face a antagonistas e em situações de extrema adversidade, que reforçam politicamente as redes de relações sociais. A não ser que existam relações de consanguinidade, estreitos laços de vizinhança e afinidade ou rituais de admissão, que assegurem a subordinação de novos membros às regras que disciplinam as formas de posse e uso da terra, tem-se interdito o acesso aos recursos básicos (ALMEIDA, 2006, p. 101-102).

O reconhecimento das comunidades quilombolas a partir da demarcação e titulação das terras, como território pertencente aos remanescentes de quilombos, constitui um valor inestimável. Ao significar o termo da terra na sociedade brasileira convém evidenciar um valor inestimável para as atividades rurais, constituindo-se como sobrevivência da sua própria vida, nas atividades de plantar e colher, bem como, no lugar em que se pode morar. Então, o território quilombola constitui uma cultura de subsistência, além do que o uso da terra remete aos costumes e manifestações culturais.

A comunidade quilombola Custaneira é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares. O reconhecimento e a titulação do território transparece uma valorização da identidade negra, sendo que a “terra de preto” assim identificada constitui uma memória viva no processo da construção histórica da origem das comunidades quilombolas.

De acordo com o morador Arnaldo de Lima, 39 anos:

A comunidade, ela é certificada pela certificação de reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, é publicada em Diário Oficial e é tombada no patrimônio histórico imaterial na questão da cultura existente. Ela foi registrada em 2009 [...].

⁶ OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Carta da ABA – Associação Brasileira de Antropologia dirigida à Senadora Benedita da Silva, datada de 22.05.1995 – Rio de Janeiro. In: Regulamentação de terras de negros no Brasil. Boletim Informativo NUER/Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas/ Fundação Cultural Palmares – v. 1, n. 1. 2 ed. (1997) – Florianópolis: UFSC, 1997.

O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Brasileira de 1988 reconheceu direitos territoriais aos “remanescentes das comunidades dos quilombos”, garantindo-lhes a titulação definitiva pelo Estado Brasileiro ⁷. A partir desta análise discute-se um direito que uma parcela das comunidades ao redor do Brasil não conseguiu obter, sendo que o processo de titulação das comunidades negras constitui um reconhecimento do patrimônio cultural e representa uma valorização da memória coletiva dos descendentes de quilombos.

Ao por em evidência o espaço do território hoje, identifica-se o valor cultural e social de uma sociedade quilombola, que apesar de toda a construção identitária construída, os remanescentes indagam com orgulho a constituição do seu território e rememoram através de narrativas históricas a existência das comunidades negras como um local que constitui história.

Os remanescentes de quilombos lutam pela titulação e demarcação do seu território. A conquista pelo reconhecimento das terras representa um valor inestimável para a história brasileira e constitui o (re) significar da identidade negra. Segundo Arnaldo de Lima, 39 anos:

[...] a luta da comunidade quilombola no Estado do Piauí começou desde a campanha da fraternidade de 1988, quando a Igreja Católica pedia perdão pela história do massacre do povo negro. Ali os negros começaram a se organizar, mas não tinham apoio, como era difícil ficavam os negros gritando dentro de seus próprios territórios, mas no ano de 1996 aconteceu o primeiro encontro estadual de comunidades quilombolas, em 2000 aconteceu o segundo encontro nacional de comunidades quilombolas em Salvador [...]

A partir do direito de viver e sobreviver do território, os remanescentes de quilombos promovem um processo de luta pela regulamentação e titulação das suas terras. Como também, procuram garantir seus direitos humanos, protegendo o seu patrimônio e defendendo o acesso ao solo, constituindo-se como parte do seu modo de vida e de sobrevivência, e mais do que isso, representa um lugar que mantém seus costumes e crenças.

O território quilombola constituiu-se para os remanescentes um espaço da história do seu povo, como também, uma forma de conservar seu costume de plantar, colher e usar a terra como um meio para se manter, refazendo o significar de uma sociedade que encontra na trajetória e nas suas memórias um valor cultural inestimável para suas vivências cotidianas. Conforme salienta a quilombola Rita, “*a propriedade foi uma forma pra nós se manter e produzir nossos alimentos*”.

⁷ O Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabelece que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”.

O território representa um valor cultural e incalculável para a história do negro no Brasil, sendo que a luta pelo pedaço da terra (re) significa o recontar da sua própria história. A comunidade Custaneira juntamente com outras comunidades quilombolas compôs um papel significativo na conquista da titulação do território. De acordo com Arnaldo de Lima, 39 anos:

[...] E ali a gente foi criando e defendendo lei que beneficiava o nosso povo e só aí a gente começou a certificar algumas comunidades porque o processo era muito difícil e a gente tava muito longe de Brasília, mas a gente hoje temos 548 comunidades quilombolas no estado do Piauí, mas só temos 70 certificadas ainda porque o processo é lento e muito democrático. A nossa comunidade hoje ela é certificada.

Segundo Marques (2011, p. 09):

A conformação da ideia de territórios quilombolas é a somatória dos diferentes valores e categorias sociais envolvidas na própria elaboração, construção e reconstrução da categoria de remanescentes de quilombos, ou quilombola, enquanto sujeitos detentores de direitos.

Certamente, as terras da comunidade quilombola Custaneira ressignificam as práticas culturais, e tradicionalmente a habitação se caracteriza como um lugar destinado à continuidade de costumes, tradições e ritos religiosos, desenvolvendo uma reprodução da identidade de seu modo de vida, sendo que os remanescentes, ao construírem o sentido histórico do território, estão significando o pedaço de chão como um valor que constitui o significado da cor de sua pele, a partir da formação histórica do seu povo, evidenciando o direito territorial dos quilombos como indispensável para a preservação da cultura afrodescendente.

CAPÍTULO II – A RELIGIOSIDADE DA COMUNIDADE CUSTANEIRA

A religiosidade é vista como um importante instrumento na tentativa de compreensão da forma como o homem se comporta no mundo, adquirindo consciência de si mesmo e do outro. (VALLE, 1998).⁸

A religiosidade presente na comunidade é símbolo da cultura popular dos seus antepassados que através dos relatos e memórias revivem suas devoções cristãs. Os moradores são predominantemente católicos e cultivam sua religiosidade dentro da comunidade Custaneira em uma singela igreja, onde se realizam as festividades religiosas.

A festa popular tem caráter religioso, na qual se reúnem várias pessoas de outros lugares que vêm com o interesse de conhecerem e participarem da festividade da comunidade. A devoção cristã é repassada e vivenciada entre os moradores, sendo que os remanescentes acham de grande importância a continuidade das práticas religiosas dentro da comunidade através da participação dos mais jovens. De acordo com Arnaldo:

A preocupação é de que eles deem a continuidade, assim a gente não deixa eles solto, chama na sala que a gente está junto para que eles possam dar continuidade e, no dia a dia praticando, a gente vem passando através da prática. [...] (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

Através dos relatos os moradores ainda destacam que antes não tinham como guardar as rezas, as orações ou qualquer recordação religiosa, sendo que utilizavam da memória para relembrar os terços transmitidos através da oralidade. Entretanto, hoje é diferente, pois existem várias formas para se preservar e rememorar toda a religiosidade da comunidade. Conforme Arnaldo:

[...] Antigamente a gente não tinha nada escrito, mas a gente tá começando a escrever algumas coisas, a gente tem CD e DVD de algumas coisas da comunidade já em arquivo pra que a gente um dia quando fizer a viagem (*morrer*) a gente faça essa viagem tranquilo, e assim como nós continuemos, os que estão vão dá continuidade e os que hão de vir também vão dá continuidade. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39). *Grifo nossos*.

A religião católica é uma marca presente na comunidade Custaneira, mas ainda existe também a umbanda, uma religiosidade marcada pelos traços africanos e indígenas. O imaginário religioso na comunidade é marcado pelas crenças. Os moradores destacam que

⁸ VALLE, E. **Psicologia e Experiência Religiosa**: estudos introdutórios. São Paulo: Loyola, 1998.

muitas pessoas recorrem às orações e benzimentos para alcançarem a cura. De acordo com Arnaldo:

Desde o início quando ainda eram as parteiras que faziam a cura, hoje ainda é muito presente no meio de nós. Sempre a gente tem por conta de acreditar e valorizar aquilo que os antepassados passaram e a gente tem adquirido muitas vitórias e curas por conta da fé. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

Os moradores valorizam tudo aquilo que foi repassado pelos seus antepassados e que, a partir das falas, percebe-se o quanto procuram manter viva sua tradição, sendo que para eles é de grande importância seguir os ensinamentos e repassar o que aprenderam. Na comunidade há uma benzedeira, que é dona Rita, a qual conta que tudo que sabe aprendeu com sua mãe, desde as rezas até as orações. “*A benzedura é de grande importância pra mim*” (RITA MARIA DA CONCEIÇÃO, moradora, 68).

De acordo com os relatos de Arnaldo, muitas pessoas procuram dona Rita para realizar alguns benzimentos. Sendo os “[...] benzimentos de quebranto, de vento caído, de levantamento de espinhela, dor de entruzidade, dor de cabeça. [...]” (ARNALDO DE LIMA, morador, 39). Arnaldo ainda conta que até hoje as pessoas acreditam no poder das orações e que quase frequentemente vão à comunidade para procurar dona Rita.

O benzimento é uma riqueza particular compartilhada por todos os moradores, como também, representa um valor inestimável para a crença popular piauiense. Eis uma oração para dor de entruzidade: “*Deus é o sol, Deus é a lua, Deus é a flor da claridade, larga fulano e vai tomar dor de entruzidade.*” E a oração para quebranto, vento caído e mal olhado: “*Salve eu vem, salve eu vou, na barca de Noé eu entro, umas três palavras de credo em cruz essa criança há de ficar curada de quebranto, vento caído e mal olhado com a graça de Deus e da virgem Maria mãe de Jesus*”.

As festividades são organizadas pelos moradores do Custaneira e Tronco que atualmente formam uma só comunidade. Os festejos são comemorados com uma missa eucarística na igreja e as pessoas participam das danças tradicionais da comunidade. Os moradores contam que festejam e se divertem com alegria ao participarem das danças tradicionais da comunidade.

Durante a festividade popular os moradores se unem nesse momento comunitário e vivenciam suas práticas religiosas. Aquelas pessoas que moram na cidade, no interior ou até em outro lugar retornam à comunidade para comemorar a festividade religiosa, principalmente, para a festa do Sagrado Coração de Jesus.

2.1 A festividade do Sagrado Coração de Jesus

A festa popular do Sagrado Coração de Jesus é considerada entre todos os moradores um festejo que enobrece a fé cristã, mas, além disso, os devotos possuem outra festividade que é a festa de São Lázaro. O percurso da procissão se inicia na casa de dona Rita, uma das moradoras mais antigas da comunidade, e vai até a igreja cede. Privilegiado é o lugar onde se encontra a igreja, sendo uma paisagem exuberante ao seu redor e como se pode ver através da imagem, encontra-se em cima do morro.



*Imagem 02: Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Comunidade quilombola Custaneira.
Foto: Mairton Celestino (2015).*

A igreja do Sagrado Coração de Jesus foi fundada em 1998. A festividade é uma das mais antigas e considerada como uma das principais entre os moradores, sendo que antes se realizava em outro lugar, e através dos relatos percebe-se que antigamente se tornava dificultoso o acesso até o local. Conforme conta Arnaldo de Lima, 39 anos:

[...] antigamente era num espaço à distancia de 500 metros, daqui lá era uma coisinha bem simplesinha e a gente mudou pra cá, todo mundo morava embaixo, no baixão. Aí o acesso era mais difícil, tudo era mais difícil e aí a gente subiu aqui pro alto, a gente morava mais perto das roças e aí foi quando aconteceu a mudança em 1988.

A escolha do padroeiro da comunidade como o Sagrado Coração de Jesus aconteceu há mais de 140 anos. Segundo conta Rita Maria da Conceição, 68 anos:

O padroeiro foi escolhido há 140 anos. O Sagrado Coração de Jesus é o padroeiro da nossa comunidade, mas antigamente toda família de dentro da comunidade tinha um festejo na sua casa, aí a gente juntou toda a comunidade pra dentro da capela. E hoje também as pessoas que festejava Nossa Senhora da Conceição faleceram; que festejavam São José, faleceram, mas a gente continua fazendo na comunidade.

Durante os festejos do Sagrado Coração de Jesus os moradores e os visitantes apreciam das manifestações culturais como o reisado, lezeira e o São Gonçalo, sendo comemoradas preferencialmente no mês de junho. Ainda mais engloba uma parte de lazer, onde os participantes da festividade degustam da culinária tradicionalista da comunidade. E por fim, a partir do dia 30 se encerra a festa com uma missa eucarística na igreja sede.

As manifestações culturais representam para os moradores uma marca da sua história, mas entre todos tem uma que possui grande importância para a comunidade que é a Lezeira. Conforme conta Arnaldo:

Todos esses grupos são importantes pra comunidade mais como em todas as coisas que a gente tem na vida, a gente destaca uma, e a gente destaca a questão da Lezeira. Ela é a cara da comunidade, sabemos que o São Gonçalo, o reisado, o samba de cumbuca tem a sua importância, mais a lezeira foi que trouxe a comunidade pro lugar que ela chegou hoje: a referência cultural, que a comunidade é hoje, é justamente por conta da lezeira. Todos os grupos são considerados, mais a lezeira é destacada dos outros (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A partir da festividade da comunidade, os moradores se encontram entrelaçados em uma relação entre o cotidiano e a cultura popular, manifestando-se por uma forte devoção cristã. A festividade religiosa proporciona o encontro de uma geração em um só lugar, em uma só história.

2.2 A comemoração do dia de São Lázaro

A festividade religiosa marca significativamente a trajetória dos remanescentes da comunidade Custaneira. Para os moradores, a festa cristã se torna de grande importância entre os seus devotos que guardam e rememoram suas crenças. Vale ressaltar que as festas cristãs acontecem para que as pessoas possam reafirmar sua fé católica.

São Lázaro é festejado no mês de junho, no mesmo mês da festividade do Sagrado Coração de Jesus. Os moradores revivem essa tradição de cerimônia festiva do dia de São Lázaro que é o santo protetor. Acontece uma celebração na igreja, com uma missa eucarística e depois se realiza um jantar comunitário entre todos, sendo que entre todos os membros

aparecem “figuras” interessantes que são os cachorros, que são os primeiros a se alimentarem e na hora da refeição são tratados como seres humanos, inclusive comendo em pratos.

A festa religiosa tem um papel de união entre todos em um momento de solidariedade e confraternização, onde os moradores e visitantes apreciem as crenças cristãs. A festividade promove entre as pessoas um momento de lazer e, principalmente, fazem com que todos se sintam parte daquela comunidade e também exerçam um laço de pertencimento na cultura quilombola.

2.3 A celebração da Semana Santa

A religiosidade marca fortemente a vida dos moradores. Vale ressaltar que a fé católica ocupa um espaço significativo entre os devotos da comunidade Custaneira. A Semana Santa é outra cerimônia religiosa festiva, sendo que durante a quaresma os moradores a partir da quarta-feira e sexta-feira realizam o jejum e nota-se que até as crianças seguem essa tradição religiosa.

Todas as noites se realiza um terço, onde os moradores da comunidade se reúnem na casa de dona Rita. A Semana Santa é marcada entre todos como o momento que celebra a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo, sendo que durante a celebração não comemoram com bebida alcoólica e nem realizam rodas de danças.

Entre os moradores, a Semana Santa é de grande importância, porque traz a história e o sofrimento de Jesus Cristo, sendo que para eles significa como uma data que deve ser lembrada e rememorada. Além disso, todo o ritual da Semana Santa é mantido através do jejum, uma alvorada durante a manhã e ainda praticam orações no horário do almoço e do jantar.

Interessante é que na sexta-feira da paixão todos os moradores participam da tradicional procissão do Cristo Morto. Na qual vão da moradia da comunidade mais distante até a igreja do Sagrado Coração de Jesus. O ato da caminhada mostra entre os fiéis um momento de fé, paixão e devoção, além disso, é um momento de reviver todo o percurso de Jesus Cristo até a cruz, sendo uma tradição que ocorre todos os anos e que é mantida viva na comunidade.

A Semana Santa é uma celebração que enobrece o cenário católico e que para os moradores é um momento de união. A partir disso segue algumas imagens que refletem os momentos vivenciados pelos moradores durante a Semana Santa.



*Imagem 03: Procissão da Sexta-feira Santa
Foto: Verônica Sousa (2015).*



*Imagem 04: Chegada da procissão na Igreja.
Foto: Verônica Sousa (2015).*

Durante a Semana Santa os moradores seguem a tradição e se guardam nesse momento cristão, seguindo alguns preceitos religiosos. Segundo Arnaldo, “não se varria casa, não se cortava com faca, não fazia nada”. E a noite os remanescentes revivem suas danças tradicionais, que é o reisado e a lezeira. Conforme ele “Sexta-feira Santa sem roda de lezeira não é Sexta-feira Santa na nossa comunidade”.

De acordo com o morador José Marcos, a lezeira:

É uma brincadeira de rodas com homens e mulheres, cada um tem seu par, igual na quadrilha. Só que tem tambor e as mulheres ficam cantando e os outros entram no ritmo da dança. É uma brincadeira muito boa, dá de brincar até amanhecer o dia. (*risos*). *Grifo nossos*.

Dançam com alegria e se divertem. Para os remanescentes, a lezeira é uma tradição que mais enobrece sua identidade quilombola, e que entre cada rodado, o negro revive sua própria história, e aqueles que ali assistem deslumbram-se com uma energia contagiante. A lezeira é isso, o sentir de uma tradição que continua viva no quilombo. Importante ressaltar que durante a Semana Santa unem-se vários visitantes de cidades vizinhas e, principalmente, quando tem uma roda lezeira. Sendo que antes da roda de lezeira se realiza um banquete com comidas típicas da comunidade. Segundo Arnaldo, prepara-se uma bebida para ajudar na digestão da alimentação que é o Aluá, feito com ingredientes de milho, doce de rapadura e farinha.



Imagem 05: Roda de lezeira – comunidade Quilombola Custaneira.
Foto: Verônica Sousa (2015).

Além disso, aos sábados, acontece na comunidade uma brincadeira que é conhecida entre todos os visitantes, e que se torna um momento de diversão para os remanescentes, que é a montagem de um boneco de Judas, atado a uma vara e colocado no meio da comunidade. Ao seu redor se reúnem várias pessoas, que ficam esperando o boneco cair, porque no momento da confecção se coloca dentro do boneco simbólicas moedas. Quando acontece, todos correm e tentam pegar algum dinheiro, assim como mostra a imagem abaixo:



*Imagem 06: Boneco representando Judas e brincantes.
Foto: Verônica Sousa (2015).*

Essa brincadeira chama a atenção de todos e se torna um momento de distração entre os visitantes que vêm para a comunidade comemorar a Semana Santa. Então, a comunidade se enche de alegria, com uma diversão marcada por muitos risos.

E por fim, o momento em que os visitantes e moradores tentam pegar os pertences de Judas é uma diversão na certa, onde montam um cercado e as pessoas tentam entrar e pegar alguma coisa, mas existem os vigias que fazem de tudo para que ninguém consiga por as mãos em algo. Como mostra a figura a seguir:



*Imagem 07: Cercado com pertences do Judá e vigias.
Foto: Verônica Sousa (2015).*

Diante da imagem percebemos que tem arroz, refrigerante, óleo, açúcar, café, doce, melancia, galinhas e outros alimentos, se caracterizando como pertences de Judas. Interessante é que quando os participantes entram no cercado, os vigias não fazem nada, mas a partir do momento que pegam algum pertence, os vigias saem batendo com um chicote que mantêm nas mãos até o participante desistir de levar o pertence. Não são apenas os adultos que se divertem e montam seu boneco, mas as crianças fazem seu próprio boneco de Judas, entretanto, em vez de dinheiro é colocado bala (bombons).

2.4 Umbanda

A religião umbandista é constituída pela mistura de três vertentes: da matriz africana, dos rituais indígenas e do espiritualismo. A Umbanda é uma prática marcante dentro da comunidade Custaneira, sendo uma religião que é rememorada entre os remanescentes desde o início e que foi repassada pelos seus antepassados. Os moradores da comunidade se designam como umbandistas e praticam a religião católica.

O surgimento dos terreiros de umbanda se iniciou de forma escondida, devido às avaliações injustas. Conforme conta Mãe Maria:

Há muito tempo né, porque desde os nossos pais, eram dos nossos antepassados né, mas ai era oculto, porque tudo da coisa do povo era macumba, era coisa do cão, ai a gente tinha medo, temia esse tipo de juízo [...]. (MÃE MARIA, 57).

Havia um receio entre os remanescentes devido aos julgamentos das pessoas, mas segundo ela veio mudar quando:

Aí andou um velho aqui e pegou, era rezador e aí, bateu o tambor, aí quando bateu o tambor todo mundo caía. E aí desse tempo pra cá a gente tá indo e tá batalhando sempre [...]. (MÃE MARIA, 57).

A religião umbandistas ainda sofre pré-conceito de muitas pessoas que a julgam como evocações satânicas. Para os umbandistas, a prática de cultos é parte fundamental de sua herança religiosa e que a possessão é uma forma de contato com o mundo espiritual. Conforme Patrícia Birman, 1985:

A umbanda, que cultiva a possessão como algo benéfico, evidentemente, pensa e age diferente. Ao invés de expulsar as entidades sobrenaturais, consideradas necessariamente maléficas pelos cristãos, adota um outro lema: conviver com elas. (BIRMAN, Patrícia, 1985, p. 15).

E ainda mais a autora evidencia:

O umbandista, como fiel de um dos cultos de possessão, é atacado pelas igrejas cristãs por uma série de razões. Todas são, contudo, instrumentalizadas por aquela visão dicotômicas entre o bem e o mal. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p 16).

Para os católicos, os rituais umbandistas são associados como uma prática de macumba, cerimônias diabólicas onde a possessão está estritamente relacionada com o domínio de espíritos do mal. Conforme conta Patrícia Birman, “particularmente as religiões cristãs e, no nosso caso, o catolicismo promoveram, ao longo dos séculos, um ataque feroz às religiões de possessão”.

Entretanto, há uma crítica dos sacerdotes cristãos em torno da umbanda, sendo que interessaria aos padres o monopólio da religião, em contraponto ao fato de que os umbandistas têm um poder maior, porque possuem uma forma particular de se comunicarem com o mundo espiritual. Conforme conta Patrícia Birman:

A possessão permite que os fiéis umbandistas tenham um contato mais rápido e mais direto com as forças sagradas, ameaça o poder do padre que pretende ter o direito exclusivo de fazer a mediação entre os homens e o mundo das forças sagradas. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p 17).

Existem também falácias, que segundo dona Rita, não têm procedência na prática religiosa e sim no preconceito. “*Tem muita gente que diz que vai no terreiro e quando vai chegando, joga terra nele. É mentira, não existe isso aí não.*” É notável que várias pessoas constroem equivocados conceitos e até chegam a inventar coisas que não acontecem, sendo que, para os umbandistas, a religiosidade é uma forma de ajudar as pessoas. Ela ainda conta que “*às vezes uma pessoa chega com uma dorzinha de cabeça, aí tem aquele negócio ramo brincar um pouquinho ali. Umbanda não é coisa ruim, não é porque muita gente chega tem uma macumba ali, tem uma macumba ali.*” É perceptível que ainda há discriminação das pessoas em relação à religião umbandistas.

A realização dos cultos é iniciada a partir do tambor, um triângulo, os rituais das rezas e das canções, sendo os instrumentos que marcam a sua tradição. Os moradores da Custaneira sempre em comemorações festivas se direcionam para a comunidade Canabrava para participar dos cultos. A Mãe Maria é a integrante responsável pelo salão e que está à frente deste posto há 18 anos.

Na umbanda utiliza-se uma linguagem diferente para nomear os santos, ao quais os umbandistas prestam cultos, sendo que a discriminação da linguagem é provocada pelos equivocados julgamentos que muitas pessoas fazem em torno da umbanda. Conforme conta Mãe Maria:

Xangô é São Jorge, Mamãe Oxum é Nossa Senhora da Conceição, Oxossi é São Benedito. Tem muitos outros que a gente diz o nome em outra língua né. É porque assim tudo do povo era do cão, e umbanda era coisa do diabo, era macumba, aí a gente pegou e colocou outros nomes, mas como você vê são os mesmos santos né? É São Jorge, São Sebastião que é Oxum. (MÃE MARIA, 57).

Há uma intencionalidade em substituir os nomes de orixás por santos católicos na realização dos cultos. Conforme José Guilherme:

Essa utilização dos santos católicos como máscaras para o culto dos orixás tinha como base as características atribuídas aos santos, produzindo, assim, uma série de correspondências: Santa Bárbara, por exemplo, invocada como proteção contra tempestades, é associada com Iansã, orixá dos ventos e raios; São Jorge, montado num cavalo e subjugando o dragão com sua lança, servia para representar Ogum, orixá guerreiro e senhor do ferro; Nanã, considerada mãe de todos os orixás, era cultuada sob disfarce de Santa Ana, mãe da Virgem Maria, e assim por diante. (MAGNANI, José Guilherme Cantor. 1996, p.15).

A dança no terreiro de umbanda é realizada em torno de um poste em que as mulheres com saias dançantes e algumas coloridas refletiam o efeito de uma beleza singela, mas o branco, sem sombra de dúvida, é a marca da Umbanda. Os homens todos de branco

enobreciam a cerimonia do culto, sendo que branco traz uma sintonia de paz. Como mostra a imagem a seguir:



*Imagem 08: Salão de Umbanda – Comunidade Canabrava localizada próximo à comunidade quilombola Custaneira.
Foto: Verônica Sousa (2015).*

O poste no centro é uma forma de ajuda para as pessoas se encostarem quando estiverem em transe ou em estado de possessão. A mulher no culto realizado na comunidade Canabrava utilizou o poste para escorar sua testa, conforme mostra a figura abaixo:



*Imagem 08: Salão de Umbanda (Comunidade Canabrava): pessoas em estado de possessão.
Verônica Sousa (2015).*

A possessão é uma forma de estabelecer uma comunicação direta com os espíritos, sendo que, segundo os umbandistas há uma linha de pensamento em torno dos domínios espirituais no mundo natural. Conforme BIRMAN (1985, p. 38) basicamente, se teria o mundo pensado em três domínios distintos: a natureza, o mundo civilizado e o terceiro seria o avesso da civilização, que se pode chamar de mundo marginal e periférico. Conforme mostra a imagem abaixo:

<i>Natureza</i> (caboclos)	<i>Mundo civilizado</i> (pretos-velhos/ crianças)	<i>Mundo marginal</i> (exus)
selvagens orgulhosos	domesticados humildes (escravos) irreverentes (crianças)	avessos à ordem desobedientes
independentes do homem branco	dependentes do homem branco	marginais

*Imagem 09: Os três domínios do mundo espiritual.
Foto: Maria Isabel Gomes (2016).*

Interessante evidenciar que os espíritos da natureza estavam ligados mais em torno dos caboclos que seria a figura do indígena. O mundo civilizado era marca dos pretos-velhos e das crianças que teriam um espaço mais doméstico. E por fim, o mundo marginal que estava estritamente relacionado com o espaço da rua e dos desordeiros, predominantemente exus marginais, sendo os exus da pomba-gira e do Zé Pilintra. A pomba-gira é a figura da mulher prostituta e o Zé Pilintra representa o personagem do boçal e do malandro.

Segundo Patrícia Birman (1985, p.46):

(...) As entidades mais valorizadas na umbanda são pensadas pelos próprios umbandistas como seres inferiores e subalternos ao homem branco. Só podemos supor, então, que a subalternidade tem um valor positivo para a religião. E é exatamente isso que acontece. Podemos dizer que o poder religioso da umbanda decorre disso, de uma inversão simbólica em que os estruturalmente inferiores na sociedade são detentores de um poder mágico particular, advindo da própria condição que possuem.

A religião umbanda tem esse papel de entrelaçar valores antes hierarquicamente separados, pois aqueles sujeitos inferiores ganham um espaço no mundo espiritual. Conforme

BIRMAN, “[...] O homem branco, imagem ideal colocada no topo da ordem evolutiva, não tem os poderes que possuem os subalternos. Esses grupos estruturalmente inferiores ganham por meio da inversão simbólica um poder mágico inigualável. [...]”

Conforme Marina de Mello e Souza (2002, p. 150):

O sincretismo fazia parte da adaptação, ocorrendo quando os traços culturais originais e estrangeiros se combinavam tão intimamente que o resultado era um todo cultural novo, produto de uma relação harmônica entre as partes.

A umbanda é marca da religiosidade da comunidade Custaneira e que desde o início simbolicamente é rememorada entre seus moradores, por que para os remanescentes é de grande importância vivenciar as memórias e os valores religiosos deixados pelos seus antepassados. De acordo conta Arnaldo:

Desde o início, quando ainda eram parteiras que faziam a cura, hoje ainda é muito presente no meio de nós. Sempre a gente tem por conta de acreditar e valorizar aquilo que os antepassados passaram e a gente tem adquirido muitas vitórias e curas por conta da fé. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

A comunidade Custaneira possui um terreiro de umbanda, mas ainda não é autenticado oficialmente, então, os cultos são realizados no terreiro da comunidade Canabrava que é próxima à comunidade Custaneira. Entretanto, ainda acontece a realização de alguns cultos no terreiro da comunidade, mas apenas em ocasiões especiais. O salão na comunidade Canabrava é comandado pela mãe Maria.

Conforme mãe Maria, acontece no salão uma das atividades que é a quebra-corrente. Ela fala quando acontece o culto:

Assim... é na quaresma, todo tempo da quaresma a gente passa quarenta dias né, só rezando, fazendo oração e tudo, terço a gente reza o terço nas casas, e o tambor é parado aí quando é o sábado de aleluia o certo mesmo era no domingo da ressurreição, mas aqui a gente já tem costume de fazer no sábado aleluia, aí a gente no sábado de aleluia abre as correntes, tá tudo parado, preso, aí a gente continua. (MÃE MARIA, 57).

Durante o resto do ano essas atividades acontecem, segundo Mãe Maria “*de quinze em quinze dias nos sábados a gente trabalha [...]*”. De acordo com os relatos de Mãe Maria vem muitas pessoas de fora que vem procurar ela e o Acelino que mantêm a organização da prática e também características mediúnicas, conforme atesta:

Não, assim tem quem vem procura lá em casa e outras vez na casa de Acelino que nós é. Tem muito médium mais nós dois somos os cabeças,

quando eu saio ele fica aí os outros ajuda em tudo, mais aí o cabeça sempre somos nós dois. (MÃE MARIA, 57).

Além dos cultos realizados no salão acontecem também rezas, benzeduras e banhos. Conforme conta Mãe Maria:

Vem muita gente procurar aqui, pra pedir conselho, reza e eu benzer. A benzedura é assim: a pessoa veio e aí tá com algum peso né, um corte no corpo, tá de baixo astral aí a gente pega um ramo de arruda ou de guiné, e a gente reza , faz aquela benzedura. Aí a pessoa deita fica concentrada, quando é um jovem uma pessoa nova bota pra ficar deitado com os olhos fechados e a gente reza aquela oração. É na mente ou às vezes no livro de oração. Vem gente pedir pra rezar pra sol na cabeça, pra dor de dente, pra vento caído em criança, pra quebranto. Às vezes, até pessoas grandes mesmo tão com mal olhado, a gente benze, faz aquele banho com erva, e eles ficam bom, confiando em Deus. (MÃE MARIA, 57).

Além disso, interessante evidenciar que os remanescentes ainda têm uma relação com a natureza que é a utilização das ervas medicinais para o cuidado com o corpo, sendo que é marca da tradição repassada pelos seus antepassados, sendo que nos banhos são utilizados algumas ervas retiradas da natureza. Assim conta mãe Maria:

Tem deles que sim, tem muitos tipos, tem a erva cidreira que serve pra calmante e serve pra fazer banho, o guiné né, tem vários: a comigo-ninguém-pode, tem outra plantas e muita erva, a gente quando tá com dor no corpo a gente basta pegar três folhinhas de hortelã e esmagaiar na água e banhar que alivia muito. (MÃE MARIA, 57).

Diante dos relatos orais dos remanescentes, nota-se a marca de uma forte devoção religiosa e que a umbanda é o símbolo cultural da sua história. É evidente o quanto a fé se caracteriza como uma forma de prover cura e conseguir alcançar os objetivos espirituais. Sendo que os moradores são caracterizados por suas práticas religiosas e pelas suas crenças.

2.5 O canto para seus mortos

A religiosidade marcada pelos seus cantos, rezas, orações e “incelências” fazem parte do cotidiano da comunidade Custaneira que se entrelaçam em momentos festivos e naquelas ocasiões difíceis, como na passagem dos seus entes queridos do mundo dos vivos para os dos mortos. Os ritos religiosos são crenças que foram repassadas pelos seus antepassados e que os devotos buscam na fé uma forma de afastar tudo que há de ruim, sejam os males da vida terrena, sejam os espirituais.

O canto fúnebre é uma forma de ajudar conduzir seus entes queridos para a luz e entre seus cantos suplicar que os santos acompanhem o falecido ao caminho certo. Os cantos revelam entre cada entonação uma maneira de fazer com que as almas consigam alcançar o arrependimento dos seus pecados cometidos na terra e oram para que o corpo do defunto alcance a salvação.

O canto aos mortos é uma tradição marcada pela cultura popular brasileira, mas que é uma herança trazida de Portugal. A partir dos cantos singelos e com uma entonação de ternura os devotos cantam ao redor dos seus entes queridos, juntamente com seus familiares, amigos e vizinhos.

O canto ao defunto é uma marca da religiosidade popular das comunidades tradicionais. Interessante evidenciar que em torno das “inzelências” há uma diferenciação:

Excelência para ajudar o moribundo a morrer. Excelência da hora, cintando-se a hora da morte. O ‘sol incrisou’ (eclipsou-se), excelência cantada se a morte se verificar durante a tarde, e entoada quando do crepúsculo. Excelência para ele ou dele, oferecida ao defunto. Terço rezado pelos assistentes e ‘tirado’ em voz alta. Ofício de Nossa Senhora ou dos Defuntos ou ainda fieis defuntos. Excelência da hora, quando o galo canta pela primeira vez. Excelência da barra do dia, quando o dia vem clareando. Excelência Mariá, em que se canta as partes do corpo do morto e as partes de sua roupa (informações do Maestro Guerra-Peixe) (excelência da roupa ou da mortalha, quando vestem o defunto. Excelência do cordão (da mortalha). Excelência da despedida. Reza da saída (do caixão). Canta-se reza até desaparecer o cortejo fúnebre. Ladainha de Todos os Santos (CASCUDO,2001:218-219).

A presença das rezas aos defuntos é uma crença religiosa vivenciada pelos remanescentes da comunidade Custaneira, mas muitas pessoas acabam deixando de valorizar a tradição, o que provoca uma ameaça na continuidade dos ritos religiosos. Conforme conta Arnaldo:

Tem, lá ainda tem, próximo da gente, mas mais distantes se perdeu, até porque não tem quem mais reza, por conta dessas coisas que nosso povo fazia, que nós continuamos fazendo, tem muita gente que morre, os mais velhos, e os novos não querem mais saber, esse povo vai estudar na cidade, aprende uma cultura diferente, aí chega energia, tem uma cultura diferente aí vai se perdendo.⁹

As rezas aos mortos são práticas religiosas lembradas coletivamente. Segundo Câmara Cascudo, essas canções são realizadas em doze versos, ritualmente cantados ao pé ou à cabeça do morto. Uma vez iniciadas devem ser terminadas, pois são ações que possuem

⁹ Depoimento de Naldinho, na comunidade de Custaneira-PI, concedido a Maria Sueli, em dezembro de 2008

sentidos e implicações nas práticas populares. Particularmente os cantos fúnebres são práticas que marcam os traços da religiosidade popular, sendo que existem as figuras daquelas mulheres que têm a função de puxar a reza em torno do defunto, caracteristicamente conhecidas como *carpideiras*.

Entretanto, na comunidade Custaneira não é uma mulher que puxa as rezas, mas um homem, sendo o representante Arnaldo. De acordo com os relatos dele, quando uma pessoa é responsável pela função de cantar as incelências não poderá ser mudada por outra pessoa, sendo que caso aconteça o ente querido não poderá alcançar a salvação.

As canções fúnebres foram transmitidas pelos seus antepassados, sendo que até hoje, os remanescentes procuram rememorar essa prática religiosa, segundo Arnaldo “*Todo mundo, nem todos, mais quando um puxa, todos levam, toda vida*”. Uma das canções cantadas toda noite na comunidade Custaneira é o Bendito das almas. Conforme demonstra abaixo:

Oh Miguel escuta a voz de quem te chama
 Vai buscar aquela alma
 Há três dias que ela clama
 Oh de casa oh de fora
 O inferno estremeceu
 Eu vim buscar esta alma
 Quem mandou foi o meu Deus
 Oh Miguel não seja tolo que esta alma eu não te dou
 Que hoje faz três dias que essa alma aqui chegou
 Nem que faça quinze anos
 Leva três anjos contigo
 Vai buscar aquela alma
 E traga em sua companhia
 Vai ter embora alma Bernar
 Vai feto brasa livre
 Vai dizer ao pai eterno que de pena tu esta livre
 Minha gente venha ver
 Que com o poder de Maria
 Ontem eu estava no inferno
 Hoje no céu de alegria
 Em intenção de São Miguel e Coração de Maria.

Quando se trata das rezas cantadas pelos *puxadores de “incelência”* percebemos que há muitas superstições e crenças religiosas. De acordo com Câmara Cascudo (2001), acredita que, ao cantar os lamentos, eles devem ser terminados, caso contrário, a alma não terá salvação. Acredita-se ainda que essas canções tenham a função de livrar o morto do pecado e estimular o arrependimento.

As canções mudam de ritmo quando é para crianças falecidas, consideradas como “anjos”, sendo que há uma diferença em relação, tanto às estrofes que se tornam mais

delicadas, quanto às incelências que só são repetidas nove vezes em contraposição ao tradicional que são doze vezes.

Ó, meu pai, eu vou pro céu
Um anjim vai me levando
De tudo vou me esquecendo
Só de Deus vou me lembrando
De tudo vou me esquecendo
Só de Deus vou me lembrando.

(...)

Ó, meu pai, eu vou pro céu
Nove anjim vai me levando
De tudo vou me esquecendo
Só de Deus vou me lembrando
De tudo vou me esquecendo
Só de Deus vou me lembrando.

A prática religiosa, os ritos tradicionais, as orações e o hibridismo de crenças são particularidades que enobrecem o cenário da religiosidade popular. Segundo Pinheiro e Moura:

Essa marca da presença católica é responsável pelo substrato cultural profundamente religioso que permanecerá, com modificações e interferências, na formação cultural do Piauí nas formas de religiosidade popular, nas práticas como na reza do terço, nas novenas, nas procissões, nos festejos e nas celebrações aos padroeiros de cidades do interior. (PINHEIRO e MOURA, 2009:18).

O sentimento religioso é contemplado por uma magnitude de significados que se refletem nas canções, nas orações, nos terços, nos benditos, nas missas e nas incelências. Os moradores da comunidade Custaneira não se reduzem apenas à devoção de um santo, mas de vários santos, sendo que possuem altares domésticos dentro de suas casas, que ensejam desde um milagre alcançado ou até mesmo uma identificação pessoal com a história de vida do santo, pela comunidade por motivos de afeição religiosa.

É importante o exercício de compreender de que a devoção cristã é fruto de uma singularidade da religiosidade popular. Conforme avalia Pinheiro e Moura:

Não buscamos compreendê-la por seu contraste ou a tomamos como referência a cultura erudita, letrada ou dominante, de onde poderia ser possível caracterizar o ‘popular’ ou buscar para essa compreensão o público de certas produções e expressões culturais, ou poderíamos até entender o popular como forma cultural pura, social e historicamente tida como pura, singular, fruto de populações rurais, com pouco ou nenhum contato com o urbano, com a modernização ou com a modernidade, preferimos entender a cultura popular a partir de sua historicidade, singularidade. (PINHEIRO, A., MOURA, C., PEREIRA, D, 2010:2).

Conclui-se, que todo o cenário católico e a espiritualidade são marcas das memórias coletivas mantidas pelos moradores, sendo que a devoção cristã é expressa em cada reza, oração, benzedura, sendo de se notar o quanto a fé encanta a todos pela delicadeza das suas “incelências”.

CAPÍTULO III – AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Não é o ritmo nem os passos que fazem a dança, mas a paixão que vai na alma de quem dança. (AUGUSTO BRANCO).

Os bens culturais fazem parte da cultura popular piauiense, que não deixa de lado os traços do encantamento colorido do ser nordestino. Além disso, os piauienses têm inúmeras manifestações religiosas populares, sendo marcado pelo catolicismo folclórico e pelo sincretismo religioso influenciando todo o país.

As manifestações culturais da comunidade Custaneira se caracterizam pelo caráter religioso e tradicional, sendo marcado tanto pelas celebrações, como a roda de São Gonçalo e o reisado, quanto pela forma de expressão, que é a lezeira. De acordo com Carvalho (2007, p.64):

As manifestações culturais estão no centro do espaço ocupado hoje pelos estudos folkcomunicacionais. A partir deste diagnóstico inicial, as mesmas podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimento de determinada cultura, em época e lugar específicos.

É diante das manifestações culturais que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica” (BELTRÃO apud TRIGUEIRO, 2007, p.107). As festas populares, as práticas do simbolismo herdado do passado longínquo chegam ao presente, revelando marcas de uma cultura que identifica sua própria história. Conforme Trigueiro (2007, p.107):

São essas práticas do passado que chegam ao presente, com as suas diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades.

Os moradores da comunidade quilombola Custaneira, a partir de toda sua diversidade cultural, vive e encanta o mundo com o hibridismo simbólico que carrega na vivência compartilhada ao longo de toda sua vida. O povo guarda e rememora traços de uma cultura passada, levando brilho, cor e alegria para todos os que participam da festa popular.

O simbolismo das manifestações culturais é a marca de uma afetividade inigualável entre os remanescentes, sendo que para os brincantes, o folclore é a arte de manifestar suas tradições. Conforme afirma Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973, p. 124):

O folclore se liga, pois, especificamente a grupos de envergadura demograficamente modesta; em seu ambiente de relações íntimas e carregadas de afetividade se formam costumes e peculiaridades, crenças, lendas, que tornam um grupo diferente dos demais.

Os traços tradicionais da cultura popular marcam significativamente as crenças, as festas, os hábitos e a vida cotidiana dos remanescentes, sendo que o ato festivo cultural traz consigo saberes próprios da comunidade e que são caracteristicamente simbolizadas através das suas celebrações e práticas culturais. Segundo Santos:

Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. (SANTOS, José Luis dos. 1994, p.24).

As práticas culturais exercidas na comunidade Custaneira vêm evidenciar uma característica própria de um grupo, sendo traços de uma diversidade étnica constituída por branco, negro e o índio, formando uma herança dos bens simbólicos que acompanham a cultura popular. Nota-se que as manifestações culturais são marcas de uma múltipla interação ao longo do tempo. Conforme afirma Carvalho (2007, p. 66), “com o passar inevitável dos tempos, traços se perdem, outros se adicionam, em velocidades variadas nas diferentes sociedades, exatamente porque a cultura não pode ser entendida como estática e, conseqüentemente, as manifestações culturais também não”.

3.1. A dança de São Gonçalo

A dança de São Gonçalo é uma manifestação que marca a prática religiosa popular, sendo encontrada em quase toda parte do Brasil, mas havendo variações tanto quanto a sua imagem, quanto aos milagres alcançados pelos seus devotos, marcando uma particularidade em cada região. A dança é uma prática de procedência portuguesa apresentando características próprias do catolicismo das comunidades rurais do Brasil.

O caráter histórico dessa manifestação cultural faz referência ao santo São Gonçalo de Amarante, sendo que nasceu em Portugal, no ano de 1187 e faleceu em 1259. O novenário na

comunidade Custaneira faz homenagem ao santo violeiro que além de ter um traço milagroso em questões de obras conseguidas, há um caráter de casamenteiro.

A história de São Gonçalo se inicia nos valores da igreja católica, entretanto atualmente permanece nas comunidades das zonas rurais. Depois de ter sido expulsa da Igreja, a Dança de São Gonçalo permaneceu nas zonas rurais e atualmente ainda existe com um caráter de devoção (ALENCAR, 1998).

Conforme Barreto (1996; p. 35):

Talvez o registro mais antigo do culto a São Gonçalo esteja nos vilancicos dos séculos XVII e XVIII, cantados nas igrejas de Portugal. As coplas de amor e louvação eram repetidas pelo coro fiel e devotado, seguidamente. Do Santo, a lenda é forte e rica. Diz da proteção que dava aos abandonados da cidade, especialmente às velhas e viúvas. [...] São Gonçalo e Santo Antônio vieram ao Brasil trazidos, naturalmente pelos colonos portugueses. Ambos tinham um ponto de referência em comum: protegiam as mulheres. Pouco a pouco foram nascendo as diferenças, até que cada um assumia a sua posição dentro da cultura nacional já formada. Santo Antônio seria o santo casamenteiro das moças, São Gonçalo o das velhas. O primeiro ficara na cidade, São Gonçalo iria para o campo. Nas manifestações populares Santo Antônio ligara-se aos festejos juninos e São Gonçalo, variando de data, tinha seu ponto alto de louvação e culto na Festa de Reis, encerrando o ciclo natalino. São Gonçalo, que antes merecera pudicos vilancicos, passara, no Brasil, a um baile em que os festeiros cantam, dançam e se embriagam em frente à imagem do santo protetor dos violeiros. Do sacro ao profano, a transformação foi registrada em várias partes do Brasil.

A figura de São Gonçalo era conhecida por todos como um violeiro que se destacava pela boa ação de salvar as prostitutas, além disso, foi um marinheiro. Conforme Alencar (1998, p. 176):

Foi frade dominicano, tendo vivido na cidade de Amarante lá pelos idos do século XIII [...] muito alegre, tocava viola e dançava. Um dia, conhecendo algumas mulheres que eram prostitutas, teve pena delas e quis ajudá-las a mudar de vida e não pecar. Para tal inventou dançar com as mulheres para que esquecessem a vida que levavam. [...] por isso ele foi considerado como um Santo. E em seu louvor se repete a dança até hoje. Consta também que São Gonçalo foi marinheiro.

O aspecto peculiar da roda de São Gonçalo se relaciona fortemente pelo imaginário da população religiosa, provavelmente uma popularidade marcada pela dança e música. “Uma longa oração que se canta e dança coletivamente” (BRANDÃO, 2001, p. 198), apresenta uma particularidade vivenciada pelos seus devotos. Conforme Cupertino (2006, p. 82):

A partir destes dados, entendemos que a dança popular tradicional ou folclórica tem uma relação única com a religiosidade popular através da qual contribui interferindo na elaboração, aceitação e transmissão de seus movimentos, ritmos e coreografias. A religiosidade popular sempre irá contribuir para o significado de seus movimentos, quer para a comunidade que a assiste ou para os seus manifestantes, uma vez que se utilizam de lentes diferentes para esta leitura. Ao percebermos e entendermos a relação do sagrado com o profano, daremos um passo em direção à compreensão das diversas formas de movimentos transmitidos através da dança folclórica no decorrer dos tempos. Não existe um sem o outro!

A roda de São Gonçalo é realizada em torno da imagem do santo, sendo que participam 12 mulheres consideradas como rodeiras e 4 homens tendo um caráter de guias, além disso, pode aumentar o número de mulheres, dependendo da ocasião, mas os homens devem permanecer só quatro. Os instrumentos são os cacos de cuia, a sanfona e o pandeiro. Os trocadores, como são chamados, utilizam roupa branca e uma fita vermelha amarrada na cintura, valorizando caracteristicamente a sua tradição.

Abaixo a figura do santo São Gonçalo.



*Imagem 10: São Gonçalo em altar doméstico.
Foto: Mairton Celestino.*

Conforme os relatos dos moradores da comunidade Custaneira, a roda de São Gonçalo acontece com frequência nos finais de semana e, principalmente, na época das colheitas. O caráter da festividade de São Gonçalo resulta das promessas religiosas que as famílias fazem. Normalmente as pessoas procuram os guias com a intenção de irem até suas casas para levarem o santo e realizarem a dança, sendo que a parte da refeição de todos os membros da roda de São Gonçalo fica de inteira responsabilidade dos anfitriões da festa.

3.2 Reisado: A Folia dos Reis

O reisado é uma brincadeira herdada pelos portugueses durante o período colonial e continua sendo praticada em muitas cidades brasileiras. A Folia dos Reis tem um caráter religioso no que compreende à visita dos três Reis Magos ao Filho de Deus (Jesus Cristo).

Para os brincantes o reisado é uma manifestação cultural que enobrece todo o sincretismo religioso popular da festa dos reis, sendo que a dança e todo o repertório musical intitula o cenário tradicional da vida religiosa e cultural dos remanescentes. Os moradores da comunidade Custaneira comemoram essa festividade popular nos meses de dezembro e janeiro.

Na comunidade quilombola Custaneira o reisado é formado por 16 pessoas, sendo caracterizado: pelas cantadeiras de porta, que são três mulheres e a presença de pessoas responsáveis por tocar sanfona, pandeiro, tambor e triângulo. As figuras representativas da folia dos reis são os caretas formados por quatro homens e a velha do fogo, que apesar de usar trajes femininos, é um homem, além disso, há os figurinos da burra, do boi, do Jaraguá e do lobisomem.

A festa dos reis é uma brincadeira que, de forma humorada, chama a atenção de crianças e adultos, se tornando uma tradição vivenciada e compartilhada por todos.

Mais do que apresentar ou que representar, o termo brincar parece mais adequado para designar o fazer do ator brincante. Na brincadeira, rigorosamente, não se apresenta, não se representa, simplesmente se brinca. Brinca-se no sentido de que os brincantes apenas se divertem, junto com o público, que também faz parte da brincadeira. E aqui se usa o termo brincar, na acepção mesma de brincadeira infantil. Mas de uma brincadeira infantil coletiva (como são mesmo a maioria das brincadeiras infantis), na qual os brincantes, a partir de um acordo sobre uma estrutura, vivem uma outra vida, uma vida de faz-de-conta, improvisando livremente (BARROSO, 2004, p. 84-5 *apud* Oliveira, 2006, p. 45).

Os jovens da comunidade Custaneira fazem parte das manifestações culturais e sentem orgulho ao participarem dos grupos. Conforme José Marcos:

Eu danço o reisado e represento o velho, que é o que faz a palhaçada no reis. O próprio que faz o humor pro povo sorrir. (*Risos*) É um dos principais em minha opinião. Eu gosto mais do reisado, porque eu danço desde pequeno, meu avó tirava reis, meu tio, meus primos e Naldim pra mim é como um irmão, desde pequeno ele me incentivou, desde os quatro anos eu acompanhava mais só entrei quando completei a idade com dez anos. (JOSÉ MARCOS DA SILVA PACHECO, morador, 18).

O reisado é uma dança que anima todos, principalmente, as crianças. A arte dos brincantes de festejar seus reis é uma forma de manifestar suas tradições e também tem um caráter de diversão. Antes da apresentação dos figurinos de animais, tem o papel das cantadeiras que iniciam cantando em frente da porta da casa e logo esperam o dono da casa sair, através do canto esperam que abra a porta e assim possa ter permissão pra dançar. O seguimento da dança é acompanhado pela cantoria dos caretas, tendo a sintonia dos sanfoneiros, os tocadores de pandeiro, tambor e triângulo. A figura que mais provoca risos e correrias entre a plateia é o velho, que possui um cachimbo, e sendo o único que permanece até o fim da apresentação do reisado.



Imagem 11: Reisado - Homens vestidos de caretas
Foto: Verônica Sousa (2015).

O reisado se caracteriza entre os brincantes como tendo dois sentidos: a arte de manifestar suas tradições culturais e o ato tradicionalista de brincar. A festa dos reis ressignifica o cenário da cultura popular e transmite um valor religioso que marca profundamente as práticas cotidianas dos moradores da comunidade quilombola Custaneira. O reisado configura-se como uma das festividades mais apreciadas entre as pessoas.

3.3 A roda de Lezeira

A singularidade da lezeira transmite traços do sincretismo religioso e da arte de brincar. A dança da lezeira é uma expressão cultural que reproduz uma comunicação sistemática entre o corpo e a mente dos indivíduos. Para os moradores da comunidade quilombola Custaneira a dança representa marcas da sua tradição e julgam de grande importância preservar os valores da sua cultura. Interessante ressaltar que a lezeira na forma de cantar e dançar tem uma relação com a umbanda.

Para Nanni (1995, p.1): Dança é a expressão da harmonia universal em movimento. Outro conceito interessante que se assemelha é o de DANTAS (1999, p. 27-28), que define os efeitos da dança na performance do dançador, da seguinte forma: “[...] quem dança transforma o seu próprio corpo, se molda e se remodela, se reconfigura. Quando a dança se manifesta no corpo, a todo instante transforma este corpo, multiplicando-o, diversificando-o, tornando-o vários corpos que se sucedem”.

Dessa maneira, a dança se manifesta na relação com o corpo, havendo uma manifestação com o sentimento e pela expressão ritmada dos movimentos. O corpo que se move entre o batuque de uma dança envolve uma união de sentidos e significados expressos nas relações populares do simbolismo tradicional e influencia os valores culturais de uma região. Interessante evidenciar que em cada situação o corpo e o indivíduo se apresenta de uma forma, portanto, há uma particularidade em cada dança. Gonçalves (1994), considera que:

A relação de unidade do homem com o mundo é uma relação viva e funda-se na sensibilidade (...). Todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção (...). O movimento corporal nunca se repete, pois uma situação nunca é a mesma como também não o é o homem. Ser capaz de captar o novo em cada situação, isto é, de atribuir novos significados e de agir criando o novo em si próprio, parece ser a essência da criatividade (p.152-153).

A arte de dançar a lezeira se expressa entre os moradores da comunidade Custaneira como um momento de divertimento e uma forma de manter viva a sua tradição, sendo que em cada ritmo se produz traços de uma comunicação direta de energia entre o presente e o passado. A apresentação espontânea dos remanescentes simboliza uma dança própria do seu povo, que na sua particularidade manifesta seus sentimentos e sensações.

Para os moradores, todas as manifestações culturais são de grande importância e todos partilham de um único sentimento: valorizar sua cultura popular. Entre todos há uma preocupação para que os mais jovens possam participar das expressões culturais como a Lezeira, São Gonçalo e o Reisado. É o que conta Arnaldo:

[...] todas essas atividades culturais que acontecem é uma forma de celebrar a vida, porque, ali naquela casa que convida as pessoas para seu terreiro, pra ter uma roda de São Gonçalo, de Lezeira ou de Reisado, ali se prepara um jantar com comidas típicas apropriadas para aquele dia, com uma bebida que é o aluá e faz aquela festa, aquele banquete, todo mundo come e depois vai brincar na roda até o dia amanhecer e hoje ela tem ajudado principalmente, na questão dos jovens, quando os jovens se envolvem com essas expressões culturais eles valorizam mais a vida e têm um objetivo para o seu crescimento pessoal. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

Através da dança, os moradores da comunidade quilombola Custaneira representam em seu gesto singelo a expressividade da história do seu povo, permeando traços da sua vida simples e do encantamento de uma geração que floresce o cenário da cultura popular brasileira pelo seu jeito delicado de vivenciar suas manifestações culturais. Segundo Dantas (1999):

A dança é indício da arte no corpo porque mostra que ele é capaz de ser arte, de se fazer, enquanto corpo e movimento, encarnação artística. A dança é possibilidade de arte encarnada no corpo. (DANTAS, 1999, p. 25).

A singularidade da dança envolve o indivíduo em um momento de familiaridade com seus ritmos tradicionais e o sentido complexo da sua identidade marca das suas gerações antepassadas. A partir do intenso sentido das manifestações culturais expressas na dança do São Gonçalo, do Reisado e da roda de Lezeira é possível observar o quanto os remanescentes reescrevem traços próprios da sua história, na qual transparecem através da dança a figura de um povo que festeja com energia sua cultura, além da representatividade rica e singela do comportamento das pessoas durante o desenrolar da dança.

A roda de lezeira tem traços africanos e predominantemente se configurou como uma forma de resistência ao sistema escravista vigente, primordialmente sendo uma dança que se

apresentou como uma maneira de suportar a escravidão e que, em meio às batucadas, os negros constroem seu próprio ritmo. Conforme conta Rita:

Assim, essa lezeira, ela foi destinada pro vínculo dos coronéis, porque os coronéis colocavam festa de salão, só dançavam eles e os negros ficavam recolhidos, não tinha uma pequena dança e não podia nem encostar em uma janela pra olhar a dança dos ‘bichão’ rico. Aí eles botavam aquele batuque no terreiro e ia dançar. Então, ela foi nascida da descendência de escravo e da discriminação. (RITA MARIA DA CONCEIÇÃO, moradora, 68).

Além disso, nota-se que a lezeira é uma forma de expressão cultural que tem ligações com a religiosidade africana. Arnaldo demonstra como a dança se tornou parte da comunidade:

Nosso povo começou a dançar a lezeira desde que eles chegaram de África. Eles começaram a dançar a lezeira e eles continuaram cultivando essa lezeira até hoje e quando eles foram libertos da escravidão, eles se festejava com a roda de lezeira e mostrava a igualdade dentro dessa dança, porque é uma roda aonde todo mundo se abraça e não exclui ninguém. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

É interessante evidenciar que a roda de lezeira é uma dança que, ao longo do tempo, é repassada a cada geração, sendo que através dos relatos de alguns moradores, a dança foi ensinada quando eram crianças e até hoje continuam dançando. Conforme conta a moradora Ana Antônia:

Eu aprendi brincar desde minina. Quando eu nasci minha mãe já caminhava pra essas coisas, levava os filhos e a gente chegava nos terreiro onde a gente ia aquele movimento, aí a gente via e brincava também. E foi aprendendo e continuando a entrar no meio dos grandes e brincando também e até hoje a gente brinca. (ANA ANTÔNIA DA CONCEIÇÃO, moradora, 55).

As crianças ao ouvirem sobre as histórias da roda de lezeira acabavam gostando e tendo interesse em participar, sendo que aquele ritmo encantava a todos os moradores da comunidade que desde pequenos tinha aquela vontade de se “jogar” no terreiro e se divertir dançando. Assim conta o morador Albertino José:

Nas era de 40 eu num brincava ainda, num rodava lezeira, mas eu já via. A minha mãe já vinha contando a história da lezeira de mais de ano atrás. Aí eu fui crescendo, já com doze anos eu comecei a pular dentro da lezeira e fui achando bom. Eu já pidia a Deus chegar o sábado pra gente brincar a lezeira. (ALBERTINO JOSÉ DE LIMA, morador, 68).

A roda de lezeira configurava-se como um momento de diversão, onde o corpo e a alma se jogam no batuque do tambor em uma sintonia indescritível. Apesar do cansativo dia

que os homens tivessem na roça, sendo que as famílias da comunidade quilombola Custaneira vivem do trabalho da palha e da produção de cera de carnaúba, quando fosse de noite não havia cansaço que tirasse a vontade de participar da roda de lezeira. Conforme conta o morador Luiz Ferreira:

Nóis derrubava palha o dia todo e de noite nós ia pra roda de lezeira. Todo mundo que trabalhava lá ia, já tinha o lugar e toda noite a gente ia pra brincar a lezeira até dez, onze hora da noite e ia dormir e de manhã a gente ia trabalhar, puxar palha, de noite ia pra lezeira. Meu compade perguntava: *Nóis vamo hoje? Vamo!*. Todo dia a gente ia e brincava chega a poeira tava fina dentro do carnaubal. (Risos). (LUIZ FERREIRA SOUSA, morador, 65).

Apesar do trabalho cansativo exercido durante a colheita os moradores utilizam da roda de lezeira para comemorar e como uma forma de agradecer pelo resultado positivo no trabalho exercido na roça. Segundo conta o morador Arnaldo:

Quando a gente trabalha que finda o dia, que finda os trabalho, aí a gente tá ali livre e a roda de lezeira traz este complemento deste trabalho, dando prazer e alegria de que a vida é pra ser vivida (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

Além disso, as mulheres mesmo depois de terem trabalhado nos afazeres domésticos e ter cuidado dos filhos o dia inteiro, quando fosse à hora da roda de lezeira não tinha canseira alguma. Conforme nota-se na fala de Ana Maria da Conceição: “Nem você passando o dia na luta, trançando, mas na hora da lezeira não tem cansaço” (ANA MARIA DA CONCEIÇÃO, moradora, 36 anos).

Os versos cantados pelos remanescentes marcam entre cada letra uma parte da sua própria história. Pode-se perceber através desse verso:

Dona Mariquinha eu vim lhe perguntar,
Como se foi em canaviar?
Em canaviar eu fui muito bem,
Eu plantei um pé de cana na rodeira do engenho,
Ô de longe eu vi a serra azul,
Ô de longe eu vi a serra azuar.
De longe eu vi a serra azul,
Ô de longe eu via a serra azuar...

Nota-se que uma parte da rima faz referência ao período em que os escravos trabalhavam no canavial e o outro traz o desejo de liberdade, onde se avistava um lugar para viver e que a serra se configurava durante as fugas dos escravos como um dos locais mais propícios para se refugiar.

Outro verso retrata o aspecto relevante da formação histórica do negro, que é o transporte nos navios negreiros e todo o sofrimento que os escravos passaram durante o percurso de viagem no mar, sendo que é notável o destaque dado em um dos versos cantados no lundu da lezeira. Conforme podemos observar:

Eu tava em pedra fina
Nas ondas fundas do mar
Sou eu Janaguna
Sou eu a flor do mar
Era eu e Mariquinha
Na maior força do mar
Eu venho de longe
Que Iaiá mandou chamar

Diante dos versos ritmados pelos remanescentes, percebemos o caráter histórico do escravo e a figura do “negro” que ganha espaço nas suas canções, mas, além disso, transmitem valores culturais de um povo que audaciosamente torna-se dono de suas próprias memórias e histórias.

A estrutura organizativa da roda de lezeira é formada sistematicamente por pares, ou seja, caso forem 20 pessoas devem ser divididas entre 10 homens e 10 mulheres. Interessante é o cenário delicado que se forma entre os brincantes, sendo que os cantadores ficam no centro e os dançantes ao redor. Mas outro ponto relevante é que as pessoas não permanecem com seus pares, ao decorrer da dança trocam de par, formando uma singela roda que não se desfaz.



*Imagem 12: Roda de Lezeira
Foto: Verônica Sousa (2015).*

Segundo Arnaldo, quando eles foram libertos da escravidão festejavam a partir das rodas de lezeira, mostrando a igualdade dentro dessa roda. Interessante é o valor cultural e o aspecto da miscigenação que há no cenário do lundu da lezeira. “A lezeira é uma roda onde todo mundo se abraça, não exclui ninguém”. (ARNALDO DE LIMA, morador, 39).

O ritmo da dança e todo o arsenal de instrumentos são fragmentados pelo tambor, conhecido pelos moradores como “tambor do mato”, feito por pau madeira, no qual engaja o couro, formando harmonia musical com o triângulo, a sanfona, o pandeiro e o maracá. A expressão ritmada pelos brincantes é um valor cultural que se passa de geração em geração, na qual nota-se através da coreografia espontânea a presença de traços da mistura de duas culturas: os dos africanos e dos indígenas.

A roda de lezeira é uma dança que expressa, na sua maior particularidade, um momento em que os moradores se divertem e que rememoram as lembranças dos seus antepassados. Na dança, o corpo liberta os sentidos da alma e, através do movimento, entrelaça-se a doçura de sentimento, misturada com emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar dos quilombos implica pensar sobre a luta negra e as complexas formas de resistência, sendo que as comunidades quilombolas caracterizam-se como um local histórico de organização e de luta contra o sistema escravista. Diante disso, o território representa uma parte singular da própria história dos remanescentes, entretanto, muitas comunidades ainda lutam por seu reconhecimento e titulação da terra enquanto espaço marcadamente negro.

Diante da pesquisa pode-se evidenciar o quanto o território representa um valor simbólico e identitário, como também, um valor econômico e de subsistência, pois os moradores estão estritamente ligados a terra e a natureza. Portanto, o território é uma marca de amor e de luta para os remanescentes.

O cenário da cultura popular da comunidade Custaneira é marcada pelas manifestações culturais, festividades religiosas e a forma simbólica das tradições. São nos bens culturais como o reisado, dança de São Gonçalo e no lundu de lezeira que os moradores festejam suas tradições e valorizam sua cultura, reproduzindo traços de costumes dos seus ancestrais, demonstrando o prevalecimento de valores que são herdados de geração em geração e são repassados entre os mais jovens.

No decorrer das entrevistas percebeu-se o quanto os moradores expressam delicadamente sobre o amor e o sentimento indescritível pela sua trajetória histórica. Mas é necessário que a cultura das populações quilombolas sejam reconhecidas, não apenas pelo lado da escravidão, mas que possam ser compreendidas através das suas tradições populares e sobre a sua realidade atualmente.

Interessante é o cenário delicado e singelo da comunidade Custaneira, ao realizar uma visita percebeu-se uma união entre todos, porque segundo Arnaldo, quando uma família passa por algum problema, todos ajudam, então, nota-se uma vivência coletiva, como também, os moradores trabalham, colhem e geram o sustento familiar junto, sendo que todo rendimento é dividido entre todos.

O modo de vida dos moradores representa uma relação relevante entre o trabalho e a coletividade, configurando-se numa forma dinâmica de convivência, que reflete o cenário de uma cumplicidade sem igual entre todos. A valorização do trabalho e da cultura representa o fortalecimento de valores humanos herdados por seus ancestrais. Além disso, permeando um esforço para manter viva sua tradição e cultura.

A organização da comunidade é marcada pela sua delicadeza de ajudar o próximo, traços de uma solidariedade e de uma convivência harmoniosa. Os moradores exercem

funções ativas, participam diretamente dos assuntos relacionados à comunidade e as decisões fundam-se coletivamente entre todos.

Este trabalho evidenciou as experiências dos sujeitos históricos, tanto nas manifestações culturais, quanto religiosas, como também, a forma singular da convivência familiar. A família é um alicerce para o desenvolvimento e a união das tradições culturais, e mais do que isso, o vínculo afetivo dos laços de parentesco, que faz manter viva as tradições quilombolas que há muito tempo é repassada pela cultura oral.

Cabe ressaltar que os relatos dos moradores da comunidade quilombola Custaneira, como instrumento de trabalho monográfico, contribuiu para que as histórias e as memórias particulares desses sujeitos históricos pudessem ganhar voz e razão, já que por muito tempo ficaram em meio ao esquecimento, porém, a história oral oportuniza possibilidades para que os quilombolas possam reconstruir seu próprio lugar no mundo.

Por fim, a pesquisa reforça um desejo pessoal que é valorizar a cultura popular dos remanescentes de quilombos e florescer o cenário da historiografia brasileira com o encantamento delicado das manifestações culturais e religiosas. Os moradores da comunidade quilombola Custaneira constroem suas próprias memórias e histórias. Umas histórias que os remanescentes não querem que sejam esquecidas e que todo tempo rememoram suas lembranças, como também, passam de geração em geração.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, A. **Danças e folguedos: iniciação ao folclore sergipano**. Aracaju. Secretária de Estado da Educação Desporto e lazer, 1998.
- BARRETO, L. **Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.
- _____. **Sem fé, sem lei, sem rei**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.
- BARROSO, Oswald. **Teatro como Encantamento - Bois e Reisados de Caretas**. Doutorado em Sociologia, UFT, 2007.
- _____. A Performance no Teatro Popular Tradicional. In TEIXEIRA, João Gabriel L. C. & GUSMÃO, Rita. (org.) **Performance, Cultura e Espetacularidade**. Brasília: UNB, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. São Paulo: Papirus, 2001.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII**. Teresina: EDUFPI, 1999.
- _____. **A elite colonial piauiense: familiar e poder**. Teresina: FCMC, 1995.
- _____. Para além dos engenhos: A escravidão na colonização do Piauí. In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.); LIMA, Solimar Oliveira (org.). **Escravidão negra no Piauí e temas conexos**. Teresina: EDUFPI/PET, 2014.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. 1985.
- BOAKARI, Francis Musa; GOMES, Ana Beatriz Sousa. **Comunidades negras rurais do Piauí: mapeamento e caracterização sociocultural**. Teresina: EDUFPI, 2005.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. **Memória e Temporalidade: diálogo entre Walter Benjamim e Henri Bérghson**. PUC – SP, n. 1, março 1992.
- CARVALHO, Samanta V. C. B Rocha. “**Manifestações Culturais**” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.
- CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.
- CUPERTINO, Kátia. **Nas Entrelinhas da Expressão**. Belo Horizonte: Cuatiara, 2006.
- DANTAS, Mônica. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Gilberto apud Palhares-Burke. Maria Lucia. Burke, Peter. **Repensando os Trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freire. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GARAUDY, D. **Dançar a vida**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GOMES, Flávio dos Santos. **História de Quilombolas**: Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Para Matar a Hidra**: uma história de quilombolas no Recôncavo Guanabara – Século XIX. Textos Históricos 2 (3). 1994 : 1-31.

GONÇALVES, M. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004, p. 30.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Solimar Oliveira. **Braço Forte**: trabalho escravo nas fazendas da Nação do Piauí (1822 – 1871). Passo Fundo: UPF, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

MARQUES, C. E. **Remanescentes das comunidades de quilombos, da resignificação ao imperativo legal**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

_____. **Direitos Territoriais ou Territórios de Direitos?** Reflexões etnográficas sobre direitos étnico-territoriais quilombolas. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – CONLAB. Salvador, 2011.

MOTT, Luiz R. B. **Piauí colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.

_____. **Piauí Colonial**: população, economia e sociedade. 2.ed. Teresina: Projeto Petrônio Portela. 2010.

NANNI, D. **Dança e educação**: pré escola à universidade. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A problemática dos Lugares. In: Projeto História, nº 10, São Paulo, dezembro de 1993, p. 17.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Carta da ABA – Associação Brasileira de Antropologia dirigida à Senadora Benedita da Silva, datada de 22.05.1995 – Rio de Janeiro. In: **Regulamentação de terras de negros no Brasil**. Boletim Informativo NUER/Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas/ Fundação Cultural Palmares – v. 1, n. 1. 2 ed. (1997) – Florianópolis: UFSC, 1997.

PINHEIRO, Áurea e MOURA. **Celebrações/Celebration**. Teresina: Educar: artes e ofícios, 2009.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia; PEREIRA, Decleoma Lobato. **Santos e devotos na tradição brasileira** [os escravos da mãe de deus]. In: Congresso Internacional de História. 2. 2010, Teresina. Anais. Teresina: UFPI, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **O Massacre de Civitela Val diChiana**(Toscana: 29 de julho de 1944): Mito, política e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996 (106-130).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O Campesinato Brasileiro**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 14ª Ed. (Coleção primeiros passos) - São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOUSA, Verônica Inês de. **Comunidade quilombola Custaneira**: Refazendo sua memória para construir sua história. Verônica Inês de Sousa. 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo / Marina de Mello e Souza. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SCHIMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo**: identidades e território nas definições teóricas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889> Acesso em: 10 de Jan. 2016.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Festas Populares**. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) Noções Básicas de Folkcomunicação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 107-112.

VALLE, E. **Psicologia e Experiência Religiosa**: estudos introdutórios. São Paulo: Loyola, 1998.

VERAN, Jean-François. **Rio das Rãs**: Memória de uma “Comunidade remanescente de Quilombo” DISPONÍVEL EM: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n23_p297.pdf. ACESSO EM: 21/12/2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Manual de orientação para elaboração da monografia de conclusão de curso**. UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, curso de História, Picos, 2011.

FONTES ORAIS

ALBERTINO JOSÉ DE LIMA. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa**. Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

ANA ANTÔNIA DA CONCEIÇÃO. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa**. Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

ARNALDO DE LIMA. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa**. Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

ARNALDO DE LIMA. **Entrevista concedida à Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 14/02/2016.

JOSÉ MARCOS DA SILVA PACHECO. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 19/04/2014.

LUIZ FERREIRA SOUSA. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

MÃE MARIA. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 19/04/2014.

RITA MARIA DA CONCEIÇÃO. **Entrevista concedida a Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí – PI, 09/08/2015

ANEXOS



Imagem da casa-grande. Foto: Verônica Sousa (2015)



Imagem da comunidade Custaneira vista de cima do morro. Foto: Verônica Sousa (2015)



Imagem da paisagem natural. Foto: Verônica Sousa (2015)



Imagem da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Foto: Maria Isabel (2016)



Imagem da Capela dos reis magos. Foto: Maria Isabel (2016)

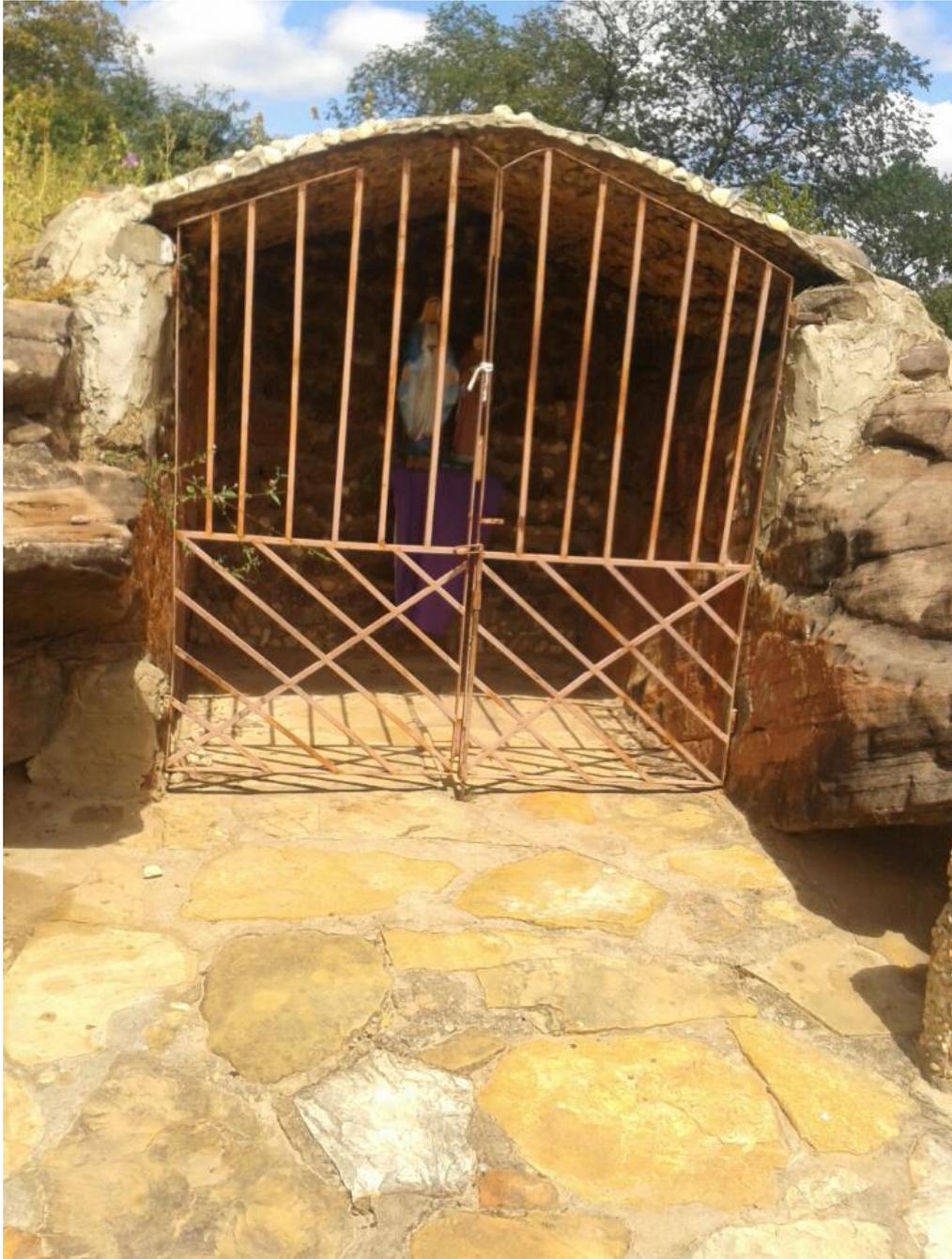


Imagem da Capela de Nossa Senhora das Graças. Foto: Maria Isabel (2016)



Imagem da capela de Padre Cícero. Foto: Maria Isabel (2016).

**ENTREVISTAS CONCEDIDAS À VERÔNICA COMUNIDADE
QUILOMBOLA CUSTANEIRA – PAQUETÁ DO PIAUÍ Parte I -
Formação**

ENTREVISTADO: Arnaldo de Lima 39 anos

1. Bom dia Arnaldo, em primeiro lugar eu gostaria de saber como se deu a escolha do nome da comunidade, o nome Custaneira?

ARNALDO: A nossa comunidade ela trouxe o nome pela o local aonde ela foi acentuada é uma região de muita pedra, de muitos morros e os antigos da época considerava esses lugares onde tinha muitas pedrejais e morros chamava-se de custaneira por conta das pedras. Era terra fraca e o nome recebia por conta do local e da área que era uma área de muita pedra e aí é a origem do nome custaneira por conta da terra.

2. Como foi que surgiu essa comunidade? Mais o menos qual o ano de fundação da comunidade?

ARNALDO: Essa comunidade ela é localizada em volta a várias fazendas que teve na região, pelo século XIX na exploração dos canaviais e nessas fazendas tinha várias senzalas. Aqui teve a fazenda do Buritizinho, que é dentro dessa comunidade, a de Canabrava e a do Araputã. Que era do povo de Raquel. E ali quando a lei aura deu condição aos negros que é vei a lei do ventre livre várias outras leis que foram criadas, os negros começaram a ter uma vida solta, não de liberdade, e foi aqui que eles chegaram. Em 1905 chegava a minha avó pra cá, ela já nascida o pai dela veio pra cá ela sendo nascida aqui, mais ainda sendo senzala da região. Tem ela um festejo com mais de 114 anos, então ela tem aproximadamente uma existência de 150 anos.

3. Como você já citou, os primeiros moradores foram seus bisavós, em seguida a geração da sua avó, mas pelo o que você conhece da história é o numero de famílias que iniciou a formação da comunidade. Você tem uma ideia desse numero? Se eram muitas ou não?

ARNALDO: No inicio era que povoaram aqui foi umas quinze famílias. Não tendo direito a terra esse pessoal não tiveram espaço de garantir que todos ficassem e ai começou deles migrar daqui pra outras propriedades por que na época a terra era terra de Estado, quando o Estado é demarcou a terra quem apossou-se da terra por ter terra férteis foi vários coronéis e

ali não dava espaço pro povo criar, nem plantar pra ter uma renda naquilo era pra ganhar na meia tudo que produzia. E muitos começaram a sair deles continuaram aqui e onde conseguiram terras. O numero de famílias era aproximadamente umas quinze famílias da mesma famílias eram quinze casas mais a família era uma só.

4. Geralmente em comunidades os laços de parentesco eles são mantidos né, muitas vezes os casamentos são entre primos, entre parentes da mesma família. Essa formação é, esses laços ainda são mantidos na comunidade?

ARNALDO: São, não é diferente, ainda hoje você vê todo mundo é casado com primo, com parente, são tudo da mesma família raramente sai um pra casar fora, ou quando sai pra trabalhar e aí por lá arruma um casamento. Mas os que ficam por aqui é tudo casado é mesmo com os daqui.

5. Qual foi a forma inicial de trabalho pra sobrevivência das famílias da comunidade?

ARNALDO: A lavoura, o cultivo de milho, feijão, mandioca e arroz. Hoje essa sobrevivência é tirada só da sustentabilidade do milho e do feijão, por conta, que o inverno ultimamente vem fraco e não tá tendo mais um inverno favorável para que se cultive a planta de arroz ou até mesmo de mandioca. Mas era tirado tudo do trabalho, tudo que eles consumiam era produzido dentro da comunidade. Plantavam algodões, quando terminavam as colha iam trabalhar a extração da palha de carnaúba na região, por que é um trabalho que ainda é forte aqui no meio de nós.

6. É e a criação de animais?

ARNALDO: Também criava animal de pequeno porte, cabra, ovelha, porco e galinha. E ainda cultivava até hoje. Hoje já tem quem tenha gado mais naquele tempo não. Mas os outros cultivava até hoje.

7. E quanto a religiosidade da comunidade. Existe mais de uma religião?

ARNALDO: Sim. A comunidade ela é católica, foi educada dentro do catolicismo, mas tendo sempre as suas crenças na questão das orações, benzimentos de quebranto, de vento caído, de levantamento de espinhela, dor de entruzidade, dor de cabeça. As pessoas que não tinham na época uma medicina feita a base da formação eles usavam a medicina popular. E acreditando também nas orações.

8. Então a gente tem aqui a religião católica e a presença da Umbanda.

ARNALDO: Desde o início quando ainda eram as parteiras que faziam a cura, hoje ainda é muito presente no meio de nós. Sempre a gente tem por conta de acreditar e valorizar aquilo que os antepassados passaram e a gente tem adquirido muitas vitórias e curas por conta da fé.

9. Essa igreja que vocês tem aqui ela foi fundada em que ano?

ARNALDO: Essa igreja ela foi fundada em 1998 ela é nova, antigamente era num espaço a distancia de 500 metros daqui lá era uma coisinha bem simplesinha e a gente mudou pra cá, todo mundo morava embaixo no baixão. Ai o acesso era mais difícil, tudo era mais difícil e ai a gente subiu aqui pro alto a gente morava mais perto das roças e ai foi quando aconteceu a mudança em 1988.

10. Qual é o padroeiro?

ARNALDO: O padroeiro foi escolhido a 140 anos. O Sagrado Coração de Jesus é o padroeiro da nossa comunidade, mas toda família de dentro da comunidade que tinha um festejo na sua casa a gente juntou a comunidade pra dentro da capela. E hoje as pessoas que festejavam Nossa Senhora da Conceição faleceu , que festejavam São José faleceu, E hoje a gente continua fazendo na comunidade.

11. Qual foi o motivo da escolha do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus ?

ARNALDO: A minha bisavó já era devota do Sagrado Coração de Jesus e o que nós ficamos desse ponto era só a novena com as trezenas as orações é muito antigas é só isso que a gente conheceu mais a data nós não sabemos por que os livros que tinham acabaram, muita coisa se perdeu. Mas foi o Senhor Raimundo era R. S.S as iniciais dessa pessoa que escreveu essas trezenas na comunidade por nome cipó a era a gente não lembra por que apagou a era, faz muito tempo.

12. Como essa religiosidade vem sendo passada hoje para os mais jovens da comunidade?

ARNALDO: A preocupação é de que eles deem a continuidade, assim a gente não deixa eles solto chama na sala que a gente esta junto para que eles possam dar continuidade e no dia a dia praticando a gente vem passando através da prática. antigamente a gente não tinha nada escrito, a gente tá começando a escrever algumas coisas, já temos CD e DVD de algumas

coisas da comunidade já em arquivo pra que a gente um dia quando fizer uma viagem a gente faça essa viagem tranquilo e assim como nós continuemos os que estão vão continuar e os que ão de vim também vão dá continuidade.

13. Como foi que se deu a conquista da terra? Teve uma certa resistência por parte dos donos da propriedade pra que a terra passasse a pertencer de fato as famílias da comunidade?

ARNALDO: Não, a terra foi conquistada através de compra. A gente negociou a terra pelo preço justo, pelo valor que era considerado já da nossa história daqui e a gente conseguiu só que a negação que eles ainda não aceitam é a história de quilombola por que o povo que eram os co-donos da terra, os bisavós deles tiveram senzalas e quando fala da historia de quilombola nós começa a contar a forma que nossos antepassados eram escravizados por eles ai eles negam e que avos e bisavós deles escravizavam os negros, mas sobre a terra não teve briga.

14. A comunidade é reconhecida como comunidade quilombola perante a Fundação Cultural Palmares? E em que ano foi reconhecida?

ARNALDO: É a comunidade ela é certificada pela certificação de reconhecimento pela fundação cultural palmares é publicada em diário oficial e é tombada no patrimônio histórico imaterial na questão da cultura existente. Ela foi registrada em 2009. Por que a luta da comunidade quilombola no Estado do Piauí começou desde a campanha da fraternidade de 1988 quando a igreja católica pedia perdão pela historia do massacre do povo negro. Ali os negros começaram a se organizar, mas não tinham apoio, como era difícil ficavam os negros gritando dentro de seus próprios territórios, mas no ano de 1996 aconteceu o primeiro encontro estadual de comunidades quilombolas em 2000 aconteceu o segundo encontro nacional de comunidades quilombolas em Salvador esse encontro era justamente para defender as politicas publicas especificas para as comunidades quilombolas dai então a gente criou uma coordenação estadual essa coordenação estadual ela teve um privilegio que junto com o governo lula que apoiou e criou outras organizações. E ali a gente foi criando e defendendo lei que beneficiava o osso povo e só ai a gente começou a certificar algumas comunidades por que o processo era muito difícil e a gente tava muito longe de Brasília mas a gente hoje temos 548 comunidades quilombolas no estado do Piauí mas só temos 70 certificadas ainda por que o processo é lento e muito democrático. A nossa comunidade hoje ela é certificada.

15. Vocês possuem aqui uma casa de cultura como foi que surgiu a ideia de construir essa casa de cultura e com que objetivo?

ARNALDO: olha a ideia era fortalecer a cultura existente e o ministério da cultura lançou um projeto para pontos de cultura e a gente se inscreveu contando o que tinha, o que fazia e o que desejava ter e dentro desse projeto a gente foi aprovado a proposta da comunidade foi aprovada e o objetivo era conscientizar os jovens para manter a cultura e a tradição do seu povo.

16. Vocês recebem algum apoio financeiro por conta do poder publico do município de Paquetá para a questão da sustentabilidade dos projetos culturais existentes na comunidade?

ARNALDO: Não. A gente já fez algumas falas e no final de 2003 fizemos uma audiência pública com as demais comunidades quilombolas e prefeitos dos municípios na câmara de vereadores pra discutir a questão dessa assistência mais infelizmente os municípios ainda não levam em consideração a luta das comunidades quilombolas, mais hoje a gente tá bem maior do dia 28 de abril vai ser chamados todos os prefeitos de municípios que tem comunidades quilombolas para fazer uma agenda anual de atenção e assistência dentro das comunidades quilombolas com o ministério cultural do Estado de Brasília. Então nós não temos assistência por parte do Estado. No governo passado a gente teve mais nesse não conseguimos, estamos ai na esperança de que esse ano seja um ano de mudança e que a gente possa tá conseguindo, mais as pessoas da comunidade não param nenhum momento de estar juntos, de sentar, de planejar e festejar.

17. A Organização para arrecadar recursos pra manter os projetos culturais parte dos membros da comunidade?

ARNALDO: a gente por ser uma comunidade que tem autonomia própria não se deixa levar pelos currais de políticos a gente conseguiu uma chamada publica quilombola pra todas as comunidades quilombolas certificadas pela Palmares é um projeto do governo federal e as comunidades quilombolas é uma pequena ajuda de custo para que as comunidades quilombolas possam cada vez mais garantir sua liberdade e ter uma autonomia própria com uma ajuda de custo no valor de 2.400 por família e um acompanhamento técnico de dois anos, esse acompanhamento técnico é a implanta e Oeiras que está nos assistindo até o final de 2015.

18. Alguns aspectos do desenvolvimento da comunidade no sentido da educação e do lazer

ARNALDO: a comunidade no sentido da educação foi uma comunidade que teve pessoas preocupadas com o aprender a gente sempre busca fora os jovens e crianças daqui estudam em Santa Cruz por que a gente acredita na educação boa e a gente quer o melhor pros nossos filhos e pros nossos jovens sobre a educação está tranquilo a comunidade tem sim dificuldade, a dificuldade é que algumas crianças precisam sim ir de moto, mais antigamente era bem mais difícil tinha que ir a pé. O lazer da comunidade são os momentos celebrativos, tudo o que acontece aqui já gera uma festa é uma comunidade que sempre celebra a vida e os jovens se sentem feliz participam de atividades fora da comunidade também por que a comunidade é chamada para várias outras comunidades pra outros municípios e até outros Estados, a gente já tem ido e isso faz com que os jovens se sintam valorizados e se sintam felizes em praticar a sua cultura e a única comunidade na região que tem um grupo de reisado, temos até o grupo das crianças também, o grupo de Lezeira, tem a lezeira em várias regiões mais aqui tem o grupo mesmo que faz a lezeira de vários jeitos, e tem a igreja, tem o salão que faz as festas, o poço do jacaré. E são bem respeitados fazem tambor cantam.

19. Sobre o registro da fundação Palmares, qual o processo de reconhecimento da sociedade como comunidade quilombola? Antes de serem registrados enfrentaram alguma dificuldade de reconhecimento perante a sociedade?

ARNALDO: Olha a discriminação e o preconceito ele prevalece até hoje né e o pessoal, povo branco da época os coronéis eles nunca aceitaram o negro como protagonista de sua história, quando nós começamos a se organizar e se aceitar como os negro do tronco e os negro de custaneira tudo bem mais quando começamos a dizer que era negro de comunidade quilombola na mente do povo achavam que a gente ia era tomar a terra deles eles não aceitavam que nós fosse negro de comunidade quilombola, num levantamento histórico da comunidade identificava que minha bisavó foi escrava e que meu pai trabalhou como escravo não na escravidão da senzala do chicote era na escravidão que ainda hoje ainda acontece a dificuldade era maior por parte do povo achar que nós agora ia tomar o espaço mais que nós agora estava tranquilo por que nós cada vez mais tava se orgulhando de ter nossas terras.

Parte II - manifestações culturais Manifestações culturais

1. Arnaldo eu gostaria que você falasse sobre as manifestações culturais existentes na comunidade quilombola custaneira (São Gonçalo, Reisado, Lezeira, samba de cumbuca) e

dissesse qual delas é a tida como a marca registrada da comunidade, ou seja, a que mais identifica a comunidade.

ARNALDO: Todos esses grupos são importantes pra comunidade mais como em todas as coisas que a gente tem na vida a gente destaca uma e a gente destaca a questão da Lezeira ela é a cara da comunidade sabemos que o São Gonçalo, o reisado, o samba de cumbuca tem a sua importância, mais a lezeira foi que trouxe a comunidade pro lugar que ela chegou hoje a referência cultural que a comunidade é hoje é justamente por conta da lezeira. Todos os grupos são considerados mais a lezeira é destacada dos outros.

2. Como é executada cada dança, como é feita, quantas pessoas participam? Quais instrumentos utilizados? Com que frequência são realizadas?

I - São Gonçalo

ARNALDO: O são Gonçalo é composto pelo um grupo de 12 m e 4 homens em algumas ocasiões a gente pode aumentar o numero de mulheres mais os homens são só quatro. São dois puxadores. A frequência do São Gonçalo é sempre final de semana e na época das colheitas. São Gonçalo é uma promessa religiosa que as famílias faz, a gente vai com o santo e com o grupo para fazer essa atividade com aquelas famílias. Os instrumentos são pandeiros cacos de cuia e sanfona.

II – Reisado

ARNALDO: O reisado ele é composto por 4 homens que são os caretas, e outros que são o figurino 1 pode ser mulher, o figurino é a burra, o boi, o Jaraguá, o lobisomem e velha do fogo. Tem também as cantadeiras de porta que são as que cantam na porta quando o povo chega. Então o reisado é composto por umas 16 pessoas.

III – Lezeira

ARNALDO: A lezeira é composta por um grupo de no mínimo 20 pessoas os instrumentos usados são o tambor, triângulo, lata e os que são utilizados no reisado também sanfona e pandeiro. Dependendo do local pode entrar mais gente na roda de lezeira além das vinte.

3. Quais os costumes e as tradições que estiveram presentes desde o início da formação da comunidade que estão presentes até hoje?

ARNALDO: Todos os costumes do início da formação da comunidade a gente tenta manter até hoje um dos principais é estar junto das famílias, discutir todas as ações juntos, isso foi que nos fortaleceu a ser uma comunidade organizada hoje, o costume de partilhar contribuir um com o outro nós valorizamos e prevalecemos em nossa comunidade dentro do dia-a-dia, então a troca de experiência, da partilha, quando uma família ta com mais necessidade do que a outra seja qual for espiritual ou material a gente partilha e isso vem fortalecendo a nossa comunidade.

Em outros momentos antigamente costumamos dizer que a comunidade praticava mais os momentos culturais, por que não tinha essa história de clubes, não tinha tanta festa como hoje, até por que o negro não tinha o direito de participar das festas então antigamente a lezeira era todos os sábados, todos os sábados tinha a lezeira, todos os finais de semana tinha roda de são Gonçalo, e ali todas essas atividades cultural que aconteciam era uma forma de celebrar a vida por que ali naquela casa que convidava as pessoas para o seu terreiro para que tivesse uma roda de são Gonzalo, de lezeira ou de reisado ali preparava um jantar com comidas típicas apropriadas para aquele dia, com uma bebida que é bem tradicional na comunidade que é o aluá, e fazia aquela festa, aquele banquete, todo mundo comia e depois ia brincar na roda até o dia amanhecer, hoje ela tem ajudado principalmente na questão dos jovens, quando os jovens se envolvem com essas expressões culturais eles valorizam mais a vida, por que hoje pra juventude ter um projeto de vida e um objetivo para seu crescimento é muito difícil por que o mundo não oferece tantas coisas que assegura a vida dos jovens.

4. Você considera que o avanço da tecnologia contribui para o desaparecimento de alguns costumes e tradições aqui na comunidade?

ARNALDO: a comunidade se preocupava no primeiro momento quando foi pra energia chegar, mais depois essa preocupação da comunidade foi superada não atrapalha em nada, seja qual for o ato que for acontecer. Na sexta-feira da paixão a gente não usa som, a gente não usa bebida, a gente vem mantendo. Eu acredito que o desenvolvimento da tecnologia hoje não atrapalha a comunidade nem sua cultura que vem mantendo ate hoje.

5. Na sua opinião o negro membro de uma comunidade quilombola ele sofre preconceito?

ARNALDO: Olha a gente não pode nem dizer que não sofre por que a gente tem visto várias forma de preconceito, mas na comunidade a pessoa pode até esticar o beíço pra um negro sem que ele perceba, mas o negro tem consciência e tem uma autoestima pra assumir sua negritude

ele tem autoestima e orgulho de ser negro, mas as pessoas em muitas partes no meio da sociedade não aceitam que o negro tem um potencial de vida uma resistência tão grande e por não aceitar o negro dessa natureza eles terminam sendo preconceituoso com o negro.

6. Você sente que os negros da comunidade se reconhecem como negros e assumem sua tradição de maneira orgulhosa?

ARNALDO: Eu vejo hoje na comunidade pessoas batendo no peito e dizendo eu tenho orgulho de ser negro e sou feliz por ser negro e a gente vê pessoas de ente aberta que perguntam pras pessoas da comunidade o que é que a gente faz pra ser quilombola? Isso nos deixa assim orgulhoso de saber que a nossa história a nossa força, a nossa raça vem de um povo que tem uma cabeça erguida e orgulho de viver.

ENTREVISTADO: José Marcos da Silva Pacheco 18 anos

1. Você faz parte dos grupos culturais aqui da comunidade Custaneira, queria que você falasse o que isso representa pra você e qual a importância pra você.

MARCOS: no meu entendimento eu me sinto muito feliz de participar desses grupos por que quando a pessoa ta triste junto com os amigos numa roda surge uma energia positiva e eu me sinto feliz de fazer parte desses grupos faço parte da lezeira, reisado, da umbanda e não tenho preconceito e não me sinto culpado por que eu sou negro, muita gente no mundo ainda tem o preconceito, muita gente não respeita, se chegar um branco e um negro numa casa e tiver só uma cadeira o dono da casa não vai oferecer pro negro por que vai pensar que o branco é doutor ou alguma coisa na verdade não pode ser nada disso. Tem quatro anos que eu participo, sou Feliz por fazer o que eu faço aqui na comunidade, por ser negro e gosto muito de participar dos grupos.

2. Pra você o que é a Lezeira? O reisado? Você tem preferência por alguma dessas danças?

MARCOS: É uma brincadeira de rodas com homens e mulheres cada um tem seu par igual na quadrilha só que tem tambor as mulheres ficam cantando e os outros entram no ritmo da dança é uma brincadeira muito boa, dá de brincar até amanhece o dia. (risos). O reisado é uma dança típica que veio de Portugal trazida pelos padres, é uma dança que tem representação dos animais, tem boi pintado, enfeitado com um monte de fita, tem todas as figuras. A cultura daqui é diferente da de outros lugares, por exemplo a de Picos é diferente daqui por que lá é Bumba-meu-boi, muda a dança o jeito das músicas, o toque. No Maranhão é meu-boi-bumbá

já é diferente de outro jeito por que não tem pessoas é só o boi dançando, tem mestre sala, contra mestre e tem o cantador. Eu danço o reisado e represento o velho, que é o que faz a palhaçada no reis. O próprio que faz o humor pro povo sorrir. (Risos) É um dos principais. Na minha opinião eu gosto mais do reisado, por que eu danço desde pequeno, meu avó tirava reis, meu tio, meus primos e Naldim pra mi, é como um irmão desde pequeno ele me incentivou, desde os quatro anos eu acompanhava mais só entrei quando completei a idade com dez anos.

ENTREVISTADA: MÃE MARIA 57 anos

3. Dona Maria eu queria que a senhora falasse um pouco sobre a história da Umbanda, segundo o que a senhora sabe contar e como acontecem as atividades aqui em Canabrava (Povoado próximo da comunidade Custaneira). E também desde quando essas atividades relacionadas ao terreiro de Umbanda acontecem aqui?

MÃE MARIA: Há muito tempo né, por que desde os nossos pais, eram dos nossos antepassados né, mas ai era oculto, por que tudo a coisa do povo era macumba, era coisa do cão, ai a gente tinha medo, temia, ai andou um velho aqui e pegou, era rezador e ai, bateu o tambor, ai quando bateu o tambor todo mundo caia. E ai desse tempo pra cá a gente tá indo e tá batalhando. Pra mim vem gente de longe, vem gente amarrado, vem gente doido varrido, mas com a graça do Pai, Deus ajuda que alevanta. Já tá com dezoito anos que nós trabalha ai aqui acolá um vem e fica trabalhando também e vai trinta e três médium nessa brincadeira, Já saiu vários né e a gente vamo continuando ai.

4. Hoje o que eu pude presenciar essa atividade é chamada de “A Quebra das Correntes”. Essas atividades acontecem com que frequência?

MÃE MARIA: Assim é na quaresma, todo tempo da quaresma a gente passa quarenta dias né, só rezando, fazendo oração tudo, terço a gente reza o terço nas casas, e o tambor é parado ai quando é o sábado de aleluia o certo mesmo era no domingo da ressurreição, mas aqui a gente já tem costume de fazer no sábado aleluia, ai a gente no sábado de aleluia abre as correntes, tá tudo parado, preso, ai a gente continua.

5. E durante o resto do ano como essas atividades acontecem?

MÃE MARIA: De quinze em quinze dias nos sábados a gente trabalha, hoje nós trabalhamos abrimos as correntes tava tudo fechada e agora só de hoje a quinze dias que a gente continua de novo é de quinze em quinze dias.

6. Se alguém Procura vindo de fora vocês tem alguém lá durante o dia pra receber? Onde é que procura?

MÃE MARIA: Não, assim quem vem procura lá em casa e outras vez na casa de acelino que nós é, tem muito médium mais nós dois somos os cabeças, quando eu saio ele fica ai os outros ajuda em tudo, mais ai o cabeça sempre somos nós dois.

7. É com muita frequência que as pessoas procuram vocês?

MÃE MARIA: tem vez que é quase direto, agora mesmo, na quaresma veio bem uns dezoito ou mais,

8. Pra senhora o que é a benzedura?

MÃE MARIA: A benzedura é assim a pessoa veio e ai tá com algum peso né, um corte no corpo, tá de baixo astral ai a gente pega um ramo de arruda ou de guiné que nós chama não é giné é tipi, mais agora na umbanda é guiné, E a gente reza, faz um banho, a pessoa banha, a gente reza oração, faz aquela benzedura. Ai a pessoa deita fica concentrada, quando é um jovem uma pessoa novo a gente bota par ficar deitado com os olhos fechados e a gente reza aquela oração. E na mente ou às vezes nos livro de oração.

9. Os banhos eles são preparados só com ervas tiradas da natureza?

MÃE MARIA: Tem deles que sim, tem muitos tipos, tem a erva cideira que serve pra calmante e serve pra fazer banho, o guiné né, tem vários a comigo ninguém pode, tem outra plantas e muita erva a gente quando tá com dor no corpo a gente basta pegar três folhinhas de hortelã e ermagair na água e banhar que alivia muito.

10. Quais são as rezas que vocês costumam fazer? E para que finalidade são essas rezas?

MÃE MARIA: Pra sol na cabeça, pra dor de dente, pra vento caído em criança, pra quebranto. As vezes até pessoas grandes mesmo tão com mal olhado, a gente benze, faz aquele banho com erva, e eles ficam bom confiando em Deus.

11. Na umbanda é usada uma linguagem diferente para nomear os santos aos quais os umbandistas prestam cultos, você poderia citar alguns desses nomes? E o por que dessa linguagem?

MÃE MARIA: Xangô é São Jorge, Mamãe Oxum é Nossa Senhora da Conceição, Oxossi é São Benedito. Tem muitos outros que a gente diz o nome em outra língua né. É por que assim tudo do povo era do cão, e umbanda era coisa do diabo, era macumba, ai a gente pegou e colocou outros nomes mas como você vê são os mesmos santos né, É São Jorge, São Sebastião que é Oxos.

12. A senhora se sente orgulhosa de ser uma mãe de terreiro de umbanda?

MÃE MARIA: Eu me sinto muito orgulhosa e foi com muito amor e carinho que eu aceitei isso ai e eu não tenho vergonha, e tenho assim quando as pessoas pegam e criticam ainda tem aquela coisa de xingar, dizer que eu sou macumbeira, mas eu estudo, estou estudando, e onde eu vou o povo me chama de mãe Maria. Sinto muito orgulho, já tem dezoito anos que eu trabalho.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS À MARIA ISABEL GOMES DOS SANTOS BATISTA DE SOUSA

ENTREVISTADA: Rita Maria da Conceição 68 anos

1. Dona Rita gostaria que descrevesse os benzimentos de dor de entruzidade, quebranto, vento caído e mal olhado.

RITA: Dor de entruzidade. Essa dor é que o povo costuma sentir nas costas, voltando pro peito, uma dor alocada em um local que os mais velhos identificava como dor de entruzidade. A oração é essa: Deus é o sol, deus é a lua, Deus é a flor da claridade, larga fulano e vai tomar dor de entruzidade. Salve eu vem, salve eu vou, na barca de Noé eu entro, umas três palavras de credo em cruz essa criança a de ficar curada de quebranto, vento caído e mal olhado com a graça de Deus e da virgem Maria mãe de Jesus.

2. Tem alguma preferência entre as manifestações culturais?

RITA: Tenho preferência por a lezeira e por o reisado, mais por a lezeira, por que a lezeira é uma cultura de que eu já achei dos meus avós, dos meus tataravôs, de meu pai, de minha mãe, já é uma coisa que marca muita gente. É uma cultura que ela foi. Assim, essa lezeira ela foi destinada pro vinculo dos coronéis, por que os coronéis colocavam festa de salão, só

dançavam eles e os negros ficavam recolhidos, não tinha uma pequena dança e não podia nem encostar em uma janela pra olhar a dança dos “bichão” rico. Ai eles botavam aquele batuque no terreiro e ia dançar. Então, ela foi nascida da descendência de escravo e da discriminação.

3. Dona Rita gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a história da umbanda. Segundo o que a senhora sabe contar e como acontecem as atividades aqui?

RITA: As atividades aqui. É que a gente às vezes uma pessoa chega com uma dorzinha de cabeça, ai tem aquele negócio ramo brincar um pouquinho ali. Umbanda não é coisa, não é por que muita gente chega tem uma macumba ali, tem uma macumba ali. Tem muita gente que diz que vai no terreiro e quando vai chegando joga terra nele, é mentira, não existe isso ai não, por que tem o povo que conversa com a gente e que chega onde tá a gente, mas aquilo ali vem fazer o bem. Agora tem muita gente que é mal ai coloca que é tudo que é ruim ai vai pro umbanda dá um pouco de trabalho vai pra umbanda mais ali o mestre já retira tudo, é coisa boa. A umbanda já vem desde do começo do mundo, já vem de longe. Quando Jesus andava mandava o mal sair daquela pessoa, Jesus já fazia aquilo ali.

4. Por que a comunidade Custaneira teve esse nome?

RITA: A comunidade trouxe esse nome por que o local aonde ela se encontra tem muitas pedras e rochedos. Ai custaria muito pra nós plantar. Ai nosso povo chamou de Custaneira.

5. Qual a importância dos mais jovens se envolva com as tradições da comunidade?

RITA: Nós tem essa preocupação para que os mais jovens participem das manifestações culturais pra que eles possam valorizar sua história e seus costumes.

6. Como é a relação dos mais jovens com os mais velhos?

RITA: Quase toda noite nós junta os mais velhos e os mais novos, ai nós conta sobre nossa história, nós fala da trajetória do nosso povo.

7. Como era a relação dos moradores com os donos do território antes da conquista da terra?

RITA: Quando me chamavam, eu deveria ir, mesmo que estivesse com panela no fogo, poderia deixar queimar. Caso não fosse seria corrida da morada.

ENTREVISTADO: Arnaldo de Lima 39 anos

1. Qual a faixa etária atualmente da população da comunidade Custaneira?

ARNALDO: Olha nós hoje o mais velho tem 97 anos e temos uma criança até 1 mês.

2. Quanto foi o território? E como conseguiram o dinheiro?

ARNALDO: Nós compramos uma área, que essa área não delimita o território quilombola todo, por que no processo da territorialidade, ela tem uma extensão maior, essa área a gente comprou uma primeira parte em 1994 que foi 9.000 reais e compramos a outra parte em 2010 que foi no valor de 90.000 reais. Em 1994 foi uma compra particular e a de 2010 foi Cart foi uma compra comunitária, de um grupo de família que tava comprando essa área. A primeira compra nós éramos vaqueiro dos filhos dos donos dessa terra, a gente trabalhou com objetivo pelo amor da terra e foi juntando, quando a terra surge para ser vendida o destino nos assegurava que a nossa história tava nela, ai a gente vai vendemos ali vários gados que a gente tinha, nessa época a gente já tinha muito por ser vaqueiro, já tava com mais de oito anos sendo vaqueiro, ai a gente investiu, em Santa Cruz nós tinha duas casas, vendemos uma casa e vendeu outros gados.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de Sousa,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Memória e trajetória da comunidade quilombola
Custaneira de minha autoria, em formato PDF,
para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica
gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de julho de 2016.

Maria Isabel Gomes dos Santos Batista de Sousa

Assinatura